



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MAGNOS LUIS DE LIMA

**PERIFERIA URBANA DE VIAMÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE FALAS JUVENIS**

CANOAS, 2010

MAGNOS LUIS DE LIMA

**PERIFERIA URBANA DE VIAMÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE FALAS JUVENIS**

Dissertação de Mestrado apresentada para a banca examinadora do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilassalle, como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly

CANOAS, 2010

MAGNOS LUIS DE LIMA

**PERIFERIA URBANA DE VIAMÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE FALAS JUVENIS**

Dissertação de Mestrado aprovada como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação pelo Centro
Universitário La Salle - Unilassalle.

Aprovado pela banca examinadora em 25 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto

Prof. Dr. Miguel Alfredo Orth

Prof. Dr. Clovis Gorczewski

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732p Lima, Magnos Luis de
Periferia urbana de Viamão e políticas públicas educacionais:
reflexões a partir de falas juvenis. [manuscrito] / Magnos Luis de
Lima. – 2010.
86 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La
Salle, Canoas, 2010.

“Orientação: Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly”.

1. Educação. 2. Políticas públicas. 3. Política educacional. 4.
Jovens. I. Evaldo Luis Pauly. II. Título.

CDU: 37.014

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

Ao grande educador, Prof. Dr. Nilton Fischer, pelo excelente exemplo do que é “ser” humano. Nesse tempo em que estive escrevendo a dissertação, tive de aprender a conviver sem as orientações desse grande homem, que infelizmente partiu, deixando seu grande legado na luta por uma sociedade mais fraterna, igualitária e em paz com a natureza. Bem, como ele dizia: “sigamos... sentindo o cheiro do mato... e degustando vagarosamente os frutos que brotam dessa terra”.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Vivian Goularte, por toda paciência de uma verdadeira companheira e amiga;

À minha mãe, por ter aberto mão de sua educação, em prol da minha;

Aos jovens estudantes da periferia de Viamão, sem os quais esta pesquisa não seria possível;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly, pelas motivadoras palavras de incentivo e pelo excelente exemplo de educador demonstrado neste tempo em que estivemos juntos;

Aos colegas da QVI Atividades Físicas, que cumpriram meus horários para que eu pudesse construir esta dissertação;

Aos colegas do Centro Assistencial Lasalle, por terem deixado as portas abertas no momento em que precisei me ausentar;

A todos os professores do Unilasalle, pela sabedoria compartilhada e pelas palavras de motivação, que me fizeram seguir em frente nesta produção;

Aos professores Dr. Miguel Alfredo Orth, Dr. Cleber Gibbon Ratto e Dr. Clovis Gorczewski, pelas importantes contribuições, as quais possibilitaram o aprimoramento desta dissertação;

A todos os demais que, de alguma forma, somaram esforços para que esta dissertação se concretizasse.

RESUMO

Nos últimos anos, o poder público, e algumas Organizações Não-Governamentais, vem demonstrando, através de programas compensatórios, vontade de melhorar a condição das juventudes brasileiras. Esses programas, na sua maioria, são propostas baseadas numa espécie de representação do adulto sobre os jovens, principalmente sobre os jovens de periferia urbana; os jovens pobres, sobre os quais ao longo dos anos, foram criados diversos estereótipos. Faz-se necessário, portanto, ampliar o entendimento sobre essa juventude, em particular, a do jovem “vileiro” (como é chamado o jovem que reside nas áreas sub-urbanizadas do Rio Grande do Sul), identificando suas necessidades prioritárias. Também é importante verificar a eficácia das ações governamentais destinadas a essa camada da população. A dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa, utilizando o instrumento do grupo focal, realizada com jovens estudantes e residentes em uma periferia de Viamão, Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como principal objetivo ouvir o que os jovens têm a dizer sobre a vida na periferia, identificando como definem as suas necessidades a partir do diálogo em grupo. Esta escuta forneceu subsídios para a discussão a respeito das políticas públicas para a juventude, em geral e, em especial, a política de atendimento educacional da juventude. Desse modo, analisar como essa política pretende, de fato, atender às necessidades percebidas pelos próprios jovens, propondo algumas possibilidades críticas para a reflexão pedagógica sobre essas políticas.

Palavras-chave: juventude – periferias – educação em periferias urbanas – violência – trabalho – políticas públicas educacionais.

ABSTRACT

In recent years, the government, together with Non-Governmental Organizations, have been showing through their compensation programs, they want to improve the condition of the young Brazilian. These programs, mostly, are proposed based on a kind of representation on the young adult, especially on young people from suburbs, especially on poor youngsters, on which over the years, have created various stereotypes. It's necessary, therefore, increase understanding about this youth in particular, the young "vileiros" (as it is called the young man who resides in the sub-urbanized areas of Rio Grande do Sul), identifying their priority needs. It is also important to check the effectiveness of government actions aimed at this population group. Therefore, this dissertation presents the results of a search using the instrument of the focus group held with students and residents in a suburb of Viamão, Rio Grande do Sul. The research aimed to listen to what young people have to say about life on the periphery, identifying how they define their needs from the group dialogue. This hearing provided subsidies to the discussion about public policies for youth in general and in particular the politics of educational service of youth. Thus, this policy seeks to analyze how it would actually meet the needs perceived by young people themselves, offering some critical possibilities for pedagogical reflection on these policies.

Keywords: youth - suburbs - education in urban neighborhoods - violence - work - educational public policies.

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 01 – Distribuição de Empresas Transnacionais	p. 22
Tabela nº 02 – Empresas Transnacionais por País	p. 23
Tabela nº 03 – Países Mais Pobres do Mundo	p. 24
Tabela nº 04 – Variação de IDH	p. 25
Tabela nº 05 – Áreas de Pesquisa CAPES	p. 30
Tabela nº 06 – Dados Juvenis Iniciais	p. 34
Tabela nº 07 – O Jovem se Auto-Define Por	p. 34
Tabela nº 08 – Principais Preocupações	p. 39
Tabela nº 09 – Composição do Grupo Focal	p. 40
Tabela nº 10 – O que Satisfaz os Jovens	p. 43
Tabela nº 11 – Principais Ocorrências Policiais	p. 52
Tabela nº 12 – Ocupação na RM de Porto Alegre.....	p. 59

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BRIC – Abreviatura criada pela imprensa para referir-se aos países considerados emergentes:

Brasil, Rússia, Índia e China

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CF – Constituição Federal

CONSED - Conselho Nacional de Secretários de Educação

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos SocioEconômicos

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA – Estados Unidos da América

FEE - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

PNPE - Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LBD - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONG - Organização não governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PEC - Proposta de Emenda à Constituição

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PROUNI - Programa Universidade para Todos

PRONASCI - Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania

SENASP – Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça

SNJ - Secretaria Nacional da Juventude

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.)

UNDIME - União dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 12
1 – PERIFERIA: ASSIM NASCE A VILA DE VIAMÃO	p. 15
1.1 - O que é periferia?	p. 15
1.2 - As primeiras cidades européias	p. 18
1.3 - A expansão européia em busca de riquezas	p. 20
1.4 - Globalização: a quem interessa?	p. 21
1.5 - A vila de Viamão	p. 26
2 – PESQUISANDO (COM) AS JUVENTUDES	p. 29
2.1 Caminhos metodológicos	p. 29
2.1.1 - Primeiras impressões sobre a juventude viamonense	p. 33
2.1.2 – Preparando o grupo	p. 38
2.2 - Trabalho em grupo: focalizando as necessidades juvenis	p. 39
2.2.1 - O que é ser jovem?	p. 42
2.2.2 – Necessidades da “rapaziada”	p. 44
3 – “METENDO A BOCA NO TROMBONE”: NECESSIDADES DOS JOVENS “VILEIROS”	p. 48
3.1 - A violência está no ar ou debaixo de sete palmos?	p. 48
3.2 – Violência e mídia	p. 56
3.3 – Violência, trabalho e educação	p. 58
4 – REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA A JUVENTUDE VIAMONENSE	p. 63
4.1 – O que são Políticas Públicas?	p. 63
4.2 – Os jovens têm direito à educação?	p. 66
4.3 – Análises das Políticas Públicas Educacionais	p. 69
4.4 – A juventude tentando superar as dificuldades educacionais	p. 73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 76
REFERÊNCIAS	p. 79

INTRODUÇÃO

No Brasil, há uma grande discussão sobre o tema da juventude, que se manifesta por intermédio da mídia, das entidades governamentais e da academia, as quais historicamente contribuíram para a difusão de uma imagem estereotipada sobre a juventude. O próprio jovem, em alguns discursos, quando se refere aos seus semelhantes, também contribui para o seu estereótipo. Ele vê a sua “categoria” como desinteressada.

Nessa linha, diversas políticas públicas como o Programa Bolsa-família e o PROUNI, vêm sendo desenvolvidas no Brasil. Essas políticas públicas sociais têm por objetivo, amenizar os efeitos gerados pela maneira como a população menos desprovida financeiramente foi tratada neste país.

Muller e Surel (2004) classificam esse tipo de políticas públicas como compensatórias. No Brasil, me parece haver um grande interesse por parte do governo federal, em “beneficiar” as camadas mais pobres da população. Mas será que essas políticas, em quantidade e forma, atendem as necessidades da população e, em especial, à população jovem do Brasil, objeto de estudo desta dissertação?

Não obstante, o estereótipo de jovem que “não quer nada com nada”, que só quer saber de usar drogas, que é irresponsável e violento, vem mudando bastante nos últimos anos. Parece haver um redirecionamento na maneira de abordar os temas das juventudes.

(...) estamos cansados de sermos vistos com decepção pelos adultos, que na verdade conhecem muito pouco a respeito de nossos dilemas e da nossa atuação (ABRAMO; FREITAS e SPÓSITO, 2002, p. 10).

A frase acima, formulada por uma jovem durante um debate sobre a juventude, nos remete a uma forma diferente de perceber e tratar os assuntos das juventudes brasileiras: ouvindo o que os jovens, como atores sociais¹ têm para nos dizer sobre suas dificuldades e anseios.

Alberto Melucci (2005) observa a importância da interação direta do pesquisador com o objeto de estudo – no meu caso, juventude na periferia. Por isso, ouvindo o que os jovens tinham a dizer sobre suas dificuldades e expectativas, pretendeu-se realizar reflexões,

¹ Termo bastante utilizado por Alberto Melucci e por Juarez Dayrel, em suas publicações sobre juventude.

estabelecer conexões e/ou desconexões eventualmente existentes entre o que eles realmente necessitam para o cotidiano real, vivido por eles, e o que eles vêm recebendo de contribuições, por meio de políticas públicas educacionais. Espera-se, dessa forma, oferecer algumas contribuições para o campo da linha de pesquisa “Educação, Estado e Ação Coletiva”,

Foi nessa direção que esta pesquisa seguiu. Utilizando a técnica de grupo focal, jovens que residem e estudam numa escola da periferia de Viamão foram ouvidos e puderam, juntos, expor as maiores dificuldades vivenciadas por eles, moradores da periferia, nesta fase de suas vidas, que é a transição da infância para a vida adulta (Castro, 2009).

De um lado, então, temos as políticas públicas destinadas a juventude, das quais, neste estudo, serão abordadas apenas aquelas que, diretamente, tiverem relações com os problemas levantados pelos próprios jovens. Por outro lado, temos as necessidades dos jovens da periferia, levantadas a partir dos próprios jovens. Essa análise multi-facetada (Juventudes, Periferia, Políticas Públicas) ainda pretende discutir mais três questões que, durante a pesquisa, tornaram-se inseparáveis aos temas da juventude, periferia e políticas públicas. Refiro-me aos aspectos da violência e do acesso ao trabalho – temas prioritários para a juventude a qual me refiro nesta dissertação e ao aspecto da educação, que, no meu modo de ver, correlaciona-se diretamente com os demais aspectos.

Portanto, esta dissertação pretende discutir - a partir de informações obtidas através de relatos dos próprios atores e da análise dos programas destinados a atender aos problemas da violência do acesso ao trabalho – a eficácia das políticas públicas para a juventude, em particular, a juventude de uma periferia da cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul. Nesse contexto, me apoiando nos ensinamentos de Howard Becker sobre a pesquisa social, não há como deixar de valorizar a importância do olhar plurifacetado, típico de uma pesquisa qualitativa, onde evitarei, ao máximo, o olhar positivista. Ao contrário, partirei do particular ao geral, como recomenda a antropóloga Cláudia Fonseca - que realizou trabalhos de observação antropológica na Vila Cachorro Sentado, periferia de Porto Alegre - dando voz aos jovens e confrontando essas informações com as teorias pertinentes.

Ao longo desta dissertação, relacionando alguns trechos do grupo focal realizado em novembro de 2009 com as ideias acima, pretendo gerar reflexões sobre a vida na periferia urbana, principalmente no que tange à possibilidade de melhorar esse tempo esplêndido e intenso que é a juventude. Para entender melhor o contexto desta pesquisa, um pouco da história sobre a formação da periferia de Viamão será apresentada. Temas como a violência, estudo e trabalho serão abordados, mostrando um lado extremamente rico da periferia, o que,

aliás, a própria mídia já vem tratando de mostrar através de alguns programas televisivos como o “Central da Periferia”.

Nesta dissertação foi levada em conta a realidade onde esses jovens transitam e vivem, como Cláudia Fonseca orienta, destacando a importância do olhar etnográfico, que é, dentre as diversas metodologias disponíveis, em se tratando de análise social, uma metodologia adequada para este tipo de pesquisa (1999, p. 66).

A sociedade brasileira vem manifestando um grande interesse em melhorar a condição juvenil. É o caso da mídia (envolvida na promoção da educação e na diminuição do uso de drogas), do Governo Federal (que parece estar mais atendo às reais demandas juvenis, chegando a criar por meio da Lei 11.129 de 30 de junho de 2005, a Secretaria Nacional de Juventude, responsável por articular os programas destinados aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos e fomentar a elaboração de políticas públicas para o segmento juvenil municipal, estadual e federal, dentre outras atividades) e do próprio jovem, que pareceu nesta pesquisa, inconformado com a própria condição juvenil.

Esta dissertação poderá, portanto, no campo da juventude, periferia, educação e políticas públicas, contribuir com subsídios para o surgimento de outros estudos sobre juventude, na perspectiva sociológica e antropológica, além de propiciar reflexões para o (re) direcionamento de ações que desencadeiem o fortalecimento do jovem como *ser* humano.

1 - PERIFERIA: ASSIM NASCE A VILA DE VIAMÃO

Ao se adentrar numa vila e perceber como a vida transcorre, é improvável que se pense na origem dessas áreas suburbanas e no porquê de sua existência. Porém, quando se tenta olhar para o mundo de forma sistêmica, fato que tornou-se imprescindível com o advento da globalização, pode-se perceber que o mundo está dividido em centro e periferia. Essa dicotomia será discutida neste capítulo, de forma linear, perpassando por situações a nível mundial e chegando até as nuances específicas da periferia de Viamão, que é o pano de fundo desta pesquisa.

1.1 - O que é periferia?

O termo “Periferia” surgiu e foi bastante difundido durante o período da Guerra Fria, destinando o status de pobre, dependente e com problemas de infra-estrutura aos países menos desenvolvidos. Já no Brasil, o termo costumeiramente designa loteamentos clandestinos ou favelas localizadas em áreas periféricas ou em áreas mais centrais em regiões de risco ou degradadas (os cortiços), onde vive uma população de baixa renda.

Para Moura (1996, p. 13) favela e periferia são diferentes, sendo a periferia, distante do centro tradicional e a ele ligada por meio de loteamentos, quadras assimétricas e ruas descontínuas. Já as favelas resultam de invasões de áreas públicas ou particulares, geralmente com padrões construtivos precários e provisórios.

Lefebvre aborda a formação das periferias como um subproduto do pensamento ideológico econômico, pois a *cidade*, nessa lógica de pensamento, passou de *obra* (habitat construído, ocupado e mantido pelo homem) a *produto* (agora com valor de troca), indo na direção do dinheiro. Nesta mesma perspectiva, porém relacionando a urbanização com os processos culturais, Castells afirma que

A região metropolitana não é o resultado necessário do simples progresso técnico. Pois “a técnica”, longe de constituir um simples fator, é um elemento do conjunto das forças produtivas, que são, elas mesmas, primordialmente, uma relação social, e comportam assim, um modo cultural de utilização dos meios de trabalho. (...) A dispersão urbana e a formação das regiões metropolitanas estão intimamente ligadas

ao tipo social do capitalismo avançado, designado ideologicamente sob o temo de “sociedade de massas” (1983, p. 32)

A presença das massas segregadas “em termos de status, separa e ‘marca’ os diferentes setores residenciais, se estendendo por um vasto território, que se tornou o local de desdobramento simbólico” (1983, p. 33). Nesse sentido, é possível reinterpretar o esforço pedagógico de Paulo Freire em opor-se aos processos simbólicos de massificação, na tentativa de a educação poder transformar massas em povo, oprimidos em sujeitos, através da valorização e assunção consciente das tradições culturais populares.

Neste sentido, até mesmo a tradição pode ser contestada, pois convivemos com uma sociedade massificadora, na qual as pessoas em sua grande maioria, carentes de conhecimento e que, “perdidas”, apenas seguem a multidão. Se perguntar a alguém porque toma chimarrão, vai dizer que é da cultura. Mas que cultura? Se a maioria das coisas consideradas objetos culturais foi construída a menos de duzentos anos (GIDDENS, 2002, p. 49).

Em 2001, 23% das cidades brasileiras confirmaram a existência de ocupações do tipo “favelas”, as quais estavam distribuídas: 612 em São Paulo, 513 no Rio, 157 em Fortaleza, 136 em Guarulhos, 122 em Curitiba, 117 em Campinas, 101 em Belo Horizonte, 101 em Osasco, 99 em Salvador e 93 em Belém (RAMOS, 2007, p.78).

Neste sentido, para Jorge, com base em dados da CEPAL, na América Latina, “44% de sua população” vive “em favelas ou subúrbios, com estrutura precária e condições mínimas de sobrevivência” (2008, p. 9).

Calcula-se que mais de 1 bilhão de pessoas vivam atualmente em favelas de todos os países (os “chawls” da Índia, os “iskwaters” das Filipinas, os “baladis” do Cairo, as “colônias populares” do México, as “vilas” de Porto Alegre, os aglomerados de Belo Horizonte, e assim – quase infinitamente – por diante). Cerca de metade dessa população favelada tem menos de 20 anos. Quase todo mundo com trabalho informal. (RAMOS, 2007. p. 87)

Para Melucci, essas desigualdades geram “não só na juventude, mas em toda sociedade, um paradigma dos problemas dos sistemas complexos: tensão entre rico e pobre e entre seguir o padrão ou ser diferente” (2001, p.102). O ser diferente, ou o parecer rico parecem sugerir o que Martins define como alienação².

Para Gilberto Velho, com o advento da modernidade, não podemos definir as periferias de forma homogênea, pois o estilo de vida e a visão de mundo são intrínsecos a cada indivíduo. Portanto, vários indivíduos diferentes formarão um grupo, o que formata um estilo

² Para Martins (2008), alienado é aquele que ajuda a construir a própria sociedade que o vitima.

de vida urbano. Poderíamos dizer que cada vila é diferente de outra em algum aspecto. São culturas diferentes. Portanto, é importante observar que as generalizações estão associadas a modos específicos de recortar e construir a realidade (VELHO, 1993). É como se disséssemos que a realidade que vemos e escutamos sobre as metrópoles contemporâneas não são o que realmente são, e sim, apenas uma forma como alguém diz que é.

Atualmente existe uma grande máscara. Já não se sabe quem é rico e quem é pobre. Conheço muita gente que mora na periferia, mas exhibe em sua pequena sala uma TV de plasma. Mas quem disse que não pode comprar?

Esse pensamento de superioridade não pode tirar o acesso do vileiro aos bens de consumo, pois esses bens são de livre acesso. Até porque, no pensamento do vileiro, estudar não faz muito sentido, às vezes. Como dizer para o vileiro estudar se ele ganha, trabalhando de “obreiro”, muitas vezes, mais do que um profissional educado, com nível superior?

Além do mais, o acesso a esses bens torna-se “status” na vila. “O cara pode até não saber ler, mas se tiver um “Guids” de marca, um “som bala” poderoso ou uma “caranga”, “tá feito”. Ele será muito mais respeitado.

Para Aristóteles, a família era o núcleo inicial da organização das cidades, onde o ser humano só seria feliz se toda a associação estivesse feliz. Um governante deveria, portanto, atender aos interesses de todos, pois o interesse do senhor seria o mesmo que o do escravo (2006, p. 10-11). Se para Aristóteles, o homem e a mulher não podem existir um sem o outro, para mim, centro e periferia não podem viver um sem o outro; um depende do outro. Por que, então, ainda causa estranheza ao mundo um casamento como o ocorrido recentemente entre a rainha sueca Victória e um plebeu, o professor de ginástica, Daniel Westling?³

Se para Aristóteles isso constitui o que de mais importante existe na formação das sociedades, a família, não me resta dúvida que é mais um pensamento fundado na visão reducionista, onde não é permitido a um pobre casar-se com um rico. Isso nos remete a um pensamento dicotômico rico/pobre, que também ocorre em relação às sociedades de centro/periferia. É assim que a periferia vem sendo discutida: centro e periferia, formal e informal, legal e ilegal. Essas dualidades acabam revelando seus laços intrínsecos à sociedade capitalista, onde há o predomínio do rico sobre o pobre. A supremacia do rico, pelo menos no pensamento, pode ter tido sua origem a partir do acúmulo de fortunas, que segundo Aristóteles, surgiu de uma mudança na forma de permutar:

³ Notícia publicada em <http://wp.clicrbs.com.br/noiva/2010/06/18/a-princesa-e-o-plebeu/?topo=13.1.1...13>
Acesso em 21/06/2010.

Na família tudo era comum a todos; depois que se separou, uma comunidade nova se estabeleceu para objetos não menos numerosos que os primeiros, mas diferentes; e a participação nelas foi obrigada segundo as necessidades, e pelo meio de permutas, como ainda o fazem muitas nações bárbaras. Aí se trocam os objetos por outros objetos úteis, nada mais. Por exemplo: dá-se e recebe-se vinho por trigo, assim acontecendo com outros artigos.

Este gênero de permuta não é, pois, originalmente, outro fim não tinha que a satisfação da vontade da natureza. No entanto, é a ela, segundo todas as aparências, que a ciência de acumular fortuna deve seu nascimento (2006, p. 23).

No meu modo de ver, periferia e cidade são apenas lugares semelhantes que o homem escolhe para (con)viver; ambas estão interligadas na sua essência, são inseparáveis e dependentes, desde a sua formação até seu desaparecimento.

Para Martins (2008), a sociedade vem se desenvolvendo em um processo dinâmico, e ao mesmo tempo, gerando privilégios ao invés de direitos. Isso acaba por gerar a exclusão, que seria, exatamente, a negação desses direitos a determinadas camadas populares. Em minha opinião, o autor fortalece o pensamento aristotélico quando coloca que, neste mundo do capital, torna-se necessário construir uma consciência social, pela qual todas as pessoas, independente de sexo, raça, cor ou classe econômica, deveriam perceber o mundo como uma totalidade, incluindo-se a si mesmas como portadoras do direito de nele viverem dignamente.

Brandão (1995) também defende essa noção de totalidade quando se coloca contra a origem do pensamento de dominação, que teve seu nascedouro em 1492, com o início da colonização da África e das Américas. Passados 500 anos, esse pensamento permanece podendo ser facilmente identificado no discurso: “o meu quarto, o meu carro, a minha árvore”. Acrescento, “o meu funcionário, a minha esposa...”. Esta dominação, que em grande parte se origina da expansão do capitalismo, privatiza ganhos injustos e debita na conta do trabalhador e dos pobres o preço do progresso sem ética nem princípios e socializa perdas, crises e problemas sociais, dentre os quais está o surgimento da periferia (MARTINS, 2008).

1.2 - As primeiras cidades européias

Por volta do século VIII a.C., na Grécia Antiga, quando a península ibérica foi dividida em províncias, surgiram cidades de tipo nativo e outras, de tipo romano, chamadas de *polis*⁴, as quais, guardadas as devidas particularidades de cada época, seriam semelhantes ao que hoje, no Brasil, chamamos de municípios.

⁴ Polis na língua grega significa “cidade”, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos.

As duas polis mais importantes da Grécia foram Esparta e Atenas, que se envolveram em diversas disputas territoriais, como as Guerras Médicas (492 a.C. a 448 a.C.) e a Guerra do Peloponeso (431 a.C. a 404 a.C.). Atenas, construída no ponto mais alto da região do Peloponeso, foi a primeira acrópole, pois estabeleceu a presença de um poder superior e serviu como excelente ponto estratégico militar.

Com o crescimento dessas cidades, surgiram os primeiros centros decisoriais, os quais concentravam poder através da informação, formação, organização, operação, coação, repressão e persuasão. Na atualidade, essas cidades foram denominadas *arcaicas*, por Lefebvre (2001).

Pelo mundo, ao redor dos centros urbanizados – as capitais econômicas, como Londres, na Inglaterra e Nova Iorque, nos Estados Unidos -, continuam existindo inúmeras cidades onde se aglomeraram os excluídos, pois, nesses centros, historicamente, a habitação vem sendo privilégio da elite, o que pode ter contribuído para o início de processos dicotômicos, tais como: centro/periferia e rico/pobre.

Esses centros sempre atraíram um grande contingente populacional, que passou a se deslocar do campo para a cidade. Gilberto Velho, antropólogo brasileiro, identifica na atualidade, um processo semelhante ao ocorrido na antiguidade, quando a população se deslocou para as proximidades desses grandes centros. Ele ressalta que as correntes migratórias em busca do progresso médico, tecnológico e sanitário alteraram significativamente a relação campo-cidade, resultando no colapso de alguns grupos sociais em detrimento do fortalecimento de outros, o que contribuiu para a formação de um pensamento mais individualista baseado na acumulação de capital (1993, p. 227-234).

O objetivo de acumular riquezas já estava presente na Idade Média. Os cristãos de Atenas e Esparta, por exemplo, foram dominados, tendo sido libertados somente no final do século XV, quando o último reino dos mouros, o de Granada, foi reconquistado pela Espanha, dando início a um período marcado por excursões marítimas, cujo objetivo era o de dominar mais terras (AVELLAR, 1968, p. 11-18).

Essa busca por mais riquezas, que foi iniciada pelas civilizações européias, se espalhou pelo mundo e disseminou-se por determinadas comunidades, principalmente a partir do advento das expansões comerciais. Iniciava-se então o processo unilateral que culminaria, com a origem da dicotomia Centro-Periferia em termos globais, que se mantém até a atualidade, como veremos nas análises sobre as empresas transnacionais, mais adiante.

1.3 - A expansão européia em busca de riquezas

A expansão marítima européia que foi iniciada no século XV e que sempre teve o mercado como seu motor básico, desencadeou um grande processo que culminou com o povoamento do Rio Grande do Sul, além de contribuir para, posteriormente, colocar em rede praticamente todas as regiões do planeta no que chamamos de globalização (VELHO, 1993, p. 228).

Foi nesse contexto que a *vila* onde este estudo foi realizado começou a se formar, em 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento no Estuário Rio da Prata, instalada para assegurar as fronteiras meridionais do Brasil, juntamente com o início do povoamento do Rio Grande do Sul. Em seguida, instaurou-se um período marcado por guerras, onde os portugueses encontraram em nossas matas, excelente ponto estratégico na batalha contra os espanhóis pela ocupação territorial para viabilizar a busca por minérios, no período posterior ao Tratado de Madrid⁵.

As primeiras famílias de imigrantes fixaram-se no Rio Grande apenas após 1733. Nesse processo migratório, por volta de 1738, Cristóvão Pereira - importante posseiro português -, nos faz lembrar Pero Vaz de Caminha ao escrever, numa belíssima etnografia sobre o nosso Estado, para o jesuíta Diogo Suarez:

compõe-se este país dum clima muito ameno, saudável e criador de riquíssimas e férteis terras em que produz em grande maneira, e com vantagem mui crescida todos os frutos da Europa, assim trigos, como vinhos, linho e toda casta de frutas, que pode causar inveja aos de qualquer parte do mundo, com perto de cento e cinquenta léguas de campanha até o Rio Grande, toda cruzada de rios, revestidos de soberbos e vistosos arvoredos, que servem de sombra às suas correntes, compostas de riquíssimas e salutíferas águas (...) (COSTA, 1991, p.26).

A imigração se intensificou com a vinda de 60 casais açorianos para a região de Santana de Morro Grande, em 1770. Os açorianos trouxeram consigo, mulatos e escravos que se juntaram aos primitivos Ibianguarás e indígenas guaranizados (Tapes e Patos). Antes disso, os que aqui estavam, vinham principalmente de Laguna, que já estava sob o domínio português. De lá, diversas expedições exploradoras seguiam pelo litoral em direção à Colônia do Sacramento.

Nesta época, portugueses e seus descendentes, negros escravizados e libertos, índios semi-escravos e livres e, pouco depois, açorianos religiosos e trabalhadores encontraram-se no

⁵ Tratado de Madrid foi assinado em 1750, diminuindo o litígio entre Espanha e Portugal e dando origem à demarcação territorial utilizada até os dias atuais, com a divisão territorial por rios e montanhas; posteriormente, esses trechos receberam nomes de estados.

mesmo chão e asseguraram a Portugal o domínio do território, conforme descreveu Ruben Neis:

O povoamento do Rio Grande do Sul concretizou-se num avanço progressivo através dos séculos. Inicialmente foram ocupadas as campanhas do litoral, próprias para a criação do gado e livres de índios selvagens. Eram os paulistas e lagunistas, acompanhados pelo escravo fiel e pelo índio carijó domesticado. Depois o fazendeiro, sempre acompanhado pelo escravo, penetrou pelas planícies dos afluentes do Guaíba e apoderou-se da fertilidade de suas pastagens; subiu pelo vale do rio Rolante e assenhorou-se dos campos de Cima da Serra. [...] depois veio o colono açoriano, com a sua espiritualidade... e o fazendeiro continuava avançando, agora auxiliado pelo minuano e pelos tapes e guaranis.(...) Em cem anos se apossou de toda a campanha até os confins mais ocidentais de nossa terra. [...] por último vieram os imigrantes alemães, italianos, poloneses e tantos outros que se embrenharam nas matas virgens dos férteis vales de nossos rios, das encostas da serra e do planalto, retalharam-nas em pequenas propriedades produtivas, plantaram alimento para o Rio Grande e para o Brasil e construíram cidades borbulhantes com as mais variadas indústrias. Em 1814, O Rio Grande teve uma população de 32.300 brancos, 20.611 escravos, 8.655 índios, 5.399 mestiços e 3.691 recém nascidos. (1975, p. 31 - 40).

1.4 - Globalização: a quem interessa?

Pelo mundo, a partir do século XIX, disseminava-se e armava-se, um período de batalhas pelo poder econômico. Tiberi (2006, p. 4-6), quando se refere a “Paz Britânica”, que ocorreu na Europa, relaciona o momento em que a Grã-Bretanha, não satisfeita com a hegemonia já conquistada, almejando a conquista de novos mercados, lança sanções comerciais por meio de impostos à entrada de mercadorias. Tais fatos não foram bem aceitos pelos países que faziam parte da coligação potência central⁶, o que acabou por dar início a primeira guerra mundial.

Após a primeira guerra mundial, iniciou-se um período marcado pela desregulamentação financeira em proporções mundiais, fazendo emergir o neoliberalismo. Além da Grã-Bretanha, já citada no parágrafo anterior, outros países do norte europeu empenhavam-se mais em especular do que em produzir, o que contribuiu para o aumento do desemprego, já que sem produção não há comércio e, portanto, mesmo em países extremamente capitalistas, a mão de obra pode tornar-se dispensável. Tal fato, aliado ao enfraquecimento dos sindicatos dos operários, gerou um aumento do desemprego nos países

⁶ Coligação formada por Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano, Bulgária e Itália. Este último participou da coligação entre 1914 a 1915. Em 1916, quando assinou o tratado de Londres, mudou de lado.

da OCDE, principalmente na década de 80, desencadeando um aumento na desigualdade social (SADER; GENTILI, 1995, p. 12-19).

Em contrapartida, o neoliberalismo não pode ser o único fator responsável pela consolidação de uma hegemonia econômica. Fosse assim, o Japão, considerado não liberal, não estaria fazendo parte do grupo dos países que possuem o maior número de grandes empresas espalhadas pelo mundo.

A tabela 01, criada a partir do relatório Unctad⁷ (2009, p. 228-230) permite observar quantitativamente a distribuição de empresas pelo mundo globalizado. Analisando a tabela, torna-se perceptível a hegemonia econômica dos países citados anteriormente. No mundo todo, há atualmente 6 mil empresas transnacionais. Das 100 maiores, 73% se distribuem entre os países que lutaram na primeira guerra. Já a análise qualitativa da mesma tabela possibilita perceber, ainda no sentido da hegemonia, que os países europeus e do norte ocidental, controlam dois terços do comércio mundial.

**TABELA 01 – DISTRIBUIÇÃO EMPRESAS
TRANSNACIONAIS - 2008**

PAÍS	Nº DE EMPRESAS
EUA	20
REINO UNIDO	14
FRANÇA	14
ALEMANHA	12
JAPÃO	10
ESPANHA	3
DEMAIS PAÍSES	27

Analisando a tabela acima, é possível identificar que a maioria dos países envolvidos naquele embate, passados quase um século, permaneceu entre as grandes potências econômicas mundiais, sendo considerados países desenvolvidos⁸ - como é o caso de Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e EUA. Este último, sobretudo a partir da II Guerra Mundial, devido à grande produção bélica, tornou-se a primeira potência capitalista, chegando a funcionar como um sistema cêntrico da América Latina, assim como a Rússia, na Europa.

⁷ Unctad - World Investment Report. Este relatório da ONU traz os valores de investimentos de empresas pelo mundo e está disponível em <http://vi.unctad.org/digital-library/?act=browse&by=browse-by-publication-year&cl=3.14>. Acesso em 03/08/2010.

⁸ Conforme o Relatório de Desenvolvimento Humano (2009, p.143), disponível em http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf, os quatro países estão entre os 38 com o IDH muito elevado, ocupando, respectivamente as posições: EUA – 13ª, Itália – 18ª, Reino Unido – 21ª e Alemanha – 22ª.

Neste tecido urbano, onde ricos e pobres se misturam, porém, algumas economias em desenvolvimento também interessam aos “Stakeholders” mundiais. Eles têm muito interesse no desenvolvimento da chamada “BRIC” – formada por Brasil, Rússia, Índia e China. Estes quatro países são apontados como os grandes coadjuvantes de um promissor desenvolvimento mundial. Ou seja, na medida em que se desenvolverem, esses quatro países contribuirão muito para o desenvolvimento mundial, principalmente pelo grande potencial consumidor de suas populações.

A tabela 2, também foi construída a partir da análise do relatório Unctad (p. 234), e nos mostra como se distribuem e qual o alcance que essas fábricas de acumular dinheiro possuem ao redor do mundo.

TABELA 02 – EMPRESAS TRANSNACIONAIS POR PAÍS

EMPRESA	ALCANCE (Nº PAÍSES)	PAÍS SEDE
CITIGROUP INC.	75	E.U.A.
HSBC HOLDING	54	REINO UNIDO
SOCIÉTÉ GÉNÉRALE	53	FRANÇA
ALLIANZ SE	52	ALEMANHA
ABN AMRO HOLDING	48	NETHERLANDS
BNP PARIBAS	48	FRANÇA
AMERICAN INT. GROUP	45	E.U.A.
BARCLAYS PLC	41	REINO UNIDO
GENERALY SPA	41	ITÁLIA

Já o Brasil está numa posição distante quando o assunto é hegemonia econômica. Comparado aos países da tabela 02, o Brasil se encontra no subúrbio do mundo em termos de presença internacional das suas empresas. Porém, destaca-se no cenário mundial como fornecedor de mão-de-obra para produzir riqueza nesses países. Só nos EUA, por exemplo, são mais de um milhão de brasileiros trabalhando (Luz, 2005).

Em termos de desenvolvimento econômico, tomando como referência a Tabela 02, quando relacionada à abertura do capital privado “sem restrições” estatais, gerou um crescimento unilateral, beneficiando alguns países em detrimento de outros. Apesar disso, a ONU, em seu relatório de 2006 (PNUD), discutiu o aumento da desigualdade mundial. Segundo o relatório, a riqueza mundial vem aumentando, porém está cada vez mais concentrada nas mãos de uma pequena minoria (geralmente localizadas ao norte⁹).

⁹ Na era global, a riqueza se acumula mais nas regiões da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), com 27,6 bilhões de euros (R\$ 67 bilhões) em patrimônio e na Europa, com 27 bilhões de euros (R\$ 66,7 bilhões).

Ao criar um mundo de vencedores e perdedores, a globalização gera prejuízos e estimula a desesperança, pois se sabe que, quanto maior for a parcela econômica apropriada pelos pobres, maior será a eficiência do país em transformar crescimento em redução da pobreza.

É evidente que há aspectos positivos decorrentes deste novo mundo, como a melhora nos processos de comunicação digitais e a inclusão tecnológica, os quais nos fazem liberar mais tempo para nos ocuparmos com o que se julga importante, porém, na medida em que o acesso aos bens produzidos pelo próprio produtor são negados (exploração) e na medida em que ocorre uma manipulação dos meios de comunicação, a globalização gera dois grandes prejuízos: a desigualdade social e a miopia social.

Tentando entender um pouco melhor essa complexidade global, demarcada pela desigualdade, pode-se analisar o Relatório de Desenvolvimento Humano (2009, p.143-192), onde se constata que os países com maior IDH recebem muito mais investimentos externos dos que investem fora do país, diferentemente dos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. A partir da análise do relatório, foi possível classificar os países com os maiores índices de pobreza, os quais estão organizados verticalmente, na Tabela 03, de cima para baixo e na ordem do mais para o menos pobre.

TABELA 03 – PAÍSES MAIS POBRES DO MUNDO - RESUMO

PAÍS	ÍNDICE POBREZA¹⁰
AFEGANISTÃO	59,8
NIGÉRIA	55,8
MALI	54,5
CHADE	53,1
BURKINA FASO	51,8
ETIÓPIA	50,9
GUINEA	50,5
SERRA LEOA	47,7
MOÇAMBIQUE	46,8
BENIM	43,2
BRASIL¹¹	8,6

Esses países pobres, relacionados na tabela 03, pela sua localização na África e na Ásia Menor, possibilitam a sugestão de que historicamente fossem vistos como determinados mercados potenciais a serem explorados, este fato determinou que pagassem um alto preço até

¹⁰ É medido a partir dos índices de probabilidade de não viver até os 40 anos, taxa de analfabetismo em adultos, população sem acesso a fontes de água melhorada, crianças com peso a menos para a idade, população com renda inferior a U\$2 por dia.

¹¹ Foi incluído apenas para fins comparativos, não seguindo a ordem de variação, que vai até Benin.

hoje, por não terem mais o que oferecer ao mundo globalizado. São países dominados pela miséria e, onde a maioria da população vive no que Tiberi (2006, p. 13) define como *pobreza absoluta*¹².

Na tentativa de minimizar os efeitos da pobreza, há um grande movimento de assistencialismo mundial, o qual não acredito que seja a melhor saída para a promoção de uma sociedade mais igualitária. De 2000 a 2007, os países muito pobres conseguiram elevar seus IDHs¹³ graças aos auxílios externos que receberam. A tabela 04 mostra os países que apresentaram maior variação positiva em seus IDHs, de 2006 a 2007, dos quais, grande parte só melhorou devido a ajuda internacional:

TABELA 04 – VARIAÇÃO DE IDH – 2000 PARA 2007 – RESUMO

PAÍS	VARIAÇÃO	POSIÇÃO IDH 2007
BENIM	13,7	161
NIGÉRIA	3,92	158
ETIÓPIA	3,13	171
BURKINA FASO	2,85	177
MALI	2,3	178
TANZÂNIA	2,09	151
MOÇAMBIQUE	1,97	172
RUANDA	1,9	167
TUNÍSIA	1,79	98
CONGO	1,65	136
BRASIL¹⁴	0,41	75

Ajudar aos mais necessitados vem se tornando uma atitude muito presente na sociedade moderna e significa *status*, podendo ser convertido em votos, principalmente em países republicanos onde a política se dá sob o regime democrático. Em momentos de ajuda internacional, é politicamente correto, depois que doenças como a AIDS se alastraram em países pobres, vender medicamentos? Não seria interessante trabalhar na prevenção ou doar medicamentos?

¹² Aquele que sobrevive com menos de um dólar/dia.

¹³ IDH – Índice de Desenvolvimento Humano é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo.

¹⁴ Foi incluído apenas para fins comparativos, não seguindo a ordem de variação, que vai até Uganda.

Infelizmente, apesar dos progressos do capitalismo, inegáveis, ele nos deixou como herança uma tendência ao individualismo ganancioso, como o exemplo citado no parágrafo anterior. E, infelizmente essa tendência se propaga em “efeito cascata”, fazendo com que pequenos municípios, sintam efeitos parecidos com os que ocorrem mundialmente.

Utilizando-me de dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2010), seção municípios, realizei um comparativo entre as cidades que mais se aproximam de Porto Alegre (Viamão, Alvorada, Canoas e Cachoeirinha) e que compõem a sua periferia. Neste estudo, pude constatar que Viamão é a cidade com a menor taxa de mortalidade até o primeiro ano de vida e com a maior taxa de esperança de vida. Mesmo com alguns avanços nesses últimos anos, a cidade possui, entre as analisadas, a maior taxa de analfabetismo, o pior IDH e divide com Alvorada o título de cidade com maior proporção de pobres.

No entanto, nos últimos anos, a cidade de Viamão vem recebendo diversos investimentos imobiliários provados, o que, de certa forma, acaba levando o desenvolvimento à região e, com isso, expulsando o “vileiro” para cada vez mais longe. A periferia se afasta cada vez mais do centro, que aumenta a cada ano. Isto se deve ao fato de que Viamão apresenta a cidade com a menor taxa de urbanização. Ou seja, com Porto Alegre e cidades mais próximas (Cachoeirinha e Canoas) já estão com a taxa de urbanização quase em 100%, Viamão vem sendo uma possibilidade de habitação, onde é notória a hospitalidade de seu povo para com os novos moradores.

Historicamente, Viamão (periferia) vem servindo de apoio à Capital (centro). Muitos desconhecem o fato de que Viamão já foi a capital do estado do Rio Grande do Sul, assim como a grande contribuição prestada no desenvolvimento do Estado e do Brasil, desde a sua formação, em meados do século XVIII.

1.5 - A vila de Viamão

Três homens foram presos na madrugada desta quarta-feira depois de roubarem uma camionete em Viamão, na Região Metropolitana. O trio abordou a vítima quando ela chegava em casa, por volta das 2h. O veículo era equipado com GPS. Os criminosos foram presos em flagrante quando passavam os objetos da caminhonete para um carro.¹⁵

A descrição acima foi baseada no que aparece seguidamente no noticiário, principalmente nos jornais voltados à população de baixa renda. Ela refere-se a uma visão

¹⁵ Conforme notícia divulgada em 13/01/2010 pelo Jornal “Diário de Santa Maria” da RBS, disponível em <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,2776019,Trio-e-presos-apos-roubar-camionete-em-Viamao.html>, acesso em 08/03/2010.

distorcida sobre as periferias, amparada muitas vezes apenas por noticiários ou por “ouvirem dizer”, acabam construindo e disseminando uma visão. Rosa (2009, p.13) explora bem essa questão ao analisá-la de forma sistêmica, destacando a ausência do estado e da cidadania como fatores que contribuem para a segregação dos estereótipos sobre as periferias:

Tomando, em grande medida, os espaços das favelas e periferias como lócus privilegiado da “tragédia urbana”, produzem-se abordagens que, pautadas por análises gerais, levam a conclusões já bastante (re)conhecidas, como a ausência do Estado, a ausência de cidadania e participação, a carência generalizada, a segregação socioespacial, a violência, por vezes (re)construindo estereótipos e tipificações e (re)alimentando a construção da imagem de cidades caóticas, desordenadas e sem salvação.

Porém a Cidade de Viamão, além de possuir terras salutíferas, que a mantiveram durante muitos anos como referência na agricultura, ainda guarda valores e crenças religiosas herdadas dos mais antigos. Conforme Ruben Neis (1975, p. 17) os primeiros povoadores, antes da existência da capela de Viamão, iam até Laguna, a cavalo para batizar seus filhos. Atualmente a imagem de Nossa Senhora Aparecida passa de casa em casa, pode-se ouvir semanalmente os sons de “batuque” e as missas são sempre cheias aos domingos pela manhã, numa demonstração de que a herança religiosa continua viva nessa sociedade.

Viamão, que era a capital do Rio Grande desde 1766, perdeu seu posto para Porto Alegre (em 1773), lhe restando resgatar a agricultura e pecuária, sua marca registrada (RIBEIRO, 1988, p. 45). Atualmente, Viamão, que é uma “cidade-dormitório”, possui cerca de 260 mil habitantes, os quais se distribuem entre os 1551km² de área total. Dessa área, em torno de 80% é zona rural e 20% é de zona urbana, com predomínio de periferias, formando 08 distritos, que alocam 167 vilas ao total. O trecho abaixo foi produzido a partir de uma adaptação do diário de campo realizado no final do ano de 2008, na vila onde a pesquisa foi realizada.

*Há muitos anos, em época de invasões, existia tortura.
Hoje em dia, para quem chega, percebe logo a fartura;
Fartura de gente e de verde, com muitas árvores frutíferas...
A gente é trabalhadora e as árvores; cheias de vida.
A pracinha colorida e alegre é sinal de esperança,
Gritaria e felicidade; é só mais uma criança.
Na vila, jogar e futebol é o maior prazer e
acordar com os pássaros é só mais um lazer.
Na vila, onde casas de material são erguidas com muito trabalho,
pela rua um pai caminha com sua filha, cheio de orgulho.
Pet-Shop, Ponto de Táxi e Locadora: o progresso chegou na vila.
A mídia mostrará agora, como essa periferia é linda.
(Diário de campo 12/11/2008)*

Não pretendo aqui, desenvolver uma grande discussão acerca desses dados *quantitativos* sobre periferias, pois para Howard Becker (1997, p.18), uma pesquisa social, se referindo aos desvios, como é o caso da periferia, não pode se limitar a analisar dados quantitativos, pois se corre o risco de subjugarmos questões relevantes. É como se os números nos distraíssem. Sendo assim, é na periferia que encontramos os maiores herdeiros desse processo de desigualdade social, que é marcado pela indiferença humana no ato de repartir as coisas; porém, foi exatamente ali, na periferia, que encontrei jovens com olhos que brilham para um futuro promissor, mesmo diante de tanta incerteza e desconfiança; foi ali que encontrei jovens que são e serão atores nesse processo de mudança rumo a uma sociedade mais igualitária, com mais oportunidades de trabalho e menos violência.

2 - PESQUISANDO (COM) AS JUVENTUDES

Desde meados da década de 60 que o tema Juventude vem sendo discutido no Brasil. Especialmente nesta época, quando os jovens foram protagonistas de conflitos essencialmente situados sobre o terreno dos comportamentos éticos, culturais e de valores. Com suas constantes participações em movimentos estudantis de reivindicação, os jovens acabaram despertando a atenção da mídia e de pesquisadores. Hoje, porém, o tema da juventude se apresenta muito mais como uma criação dos adultos e da própria mídia, que acaba por transformá-los, quase sempre e preferencialmente os jovens pobres, em vilões. Desde então, diversos estudos vêm sendo realizados acerca da juventude, nos quais as principais relações são com os assuntos: drogas, AIDS, gravidez, trabalho, escola e violência. Este último é um dos assuntos mais discutidos atualmente (SPÓSITO; CARRANO, 2003).

Entretanto, cabe ressaltar que esta pesquisa não pretendeu estudar as diversas temáticas juvenis já consagradas na literatura como drogas e gravidez. Esta pesquisa abordou *apenas* as temáticas específicas relevantes na visão do próprio grupo de jovens da periferia pesquisada. Estas informações foram obtidas a partir da aplicação da técnica do grupo focal. A longa caminhada metodológica, apresentada neste capítulo, foi trilhada até se chegar à identificação de tais necessidades.

2.1 Caminhos metodológicos

(...) a metodologia não se resume a técnicas, mas está ligada à epistemologia, ou seja, à capacidade de se colocar *boas perguntas* e à capacidade de manter aberta a possibilidade de se interrogar sobre o *como* conhecer os fenômenos sociais (...), sendo capaz de se confrontar com outras visões de mundo, valores, expectativas e argumentações, colocando em evidência o caráter dialógico e potencialmente conflitivo do processo de construção do conhecimento (MELUCCI, 2005, p. 9).

A citação acima está diretamente relacionada com a produção desta pesquisa, pois foi influenciada pela vivência do pesquisador que saiu da periferia do Rio Grande do Sul em 1986 e veio para a periferia de Porto Alegre, onde concluiu a graduação em e, posteriormente, a pós-graduação. Já seus dois irmãos, não concluíram a educação básica. Este fato justificou, num primeiro momento, a busca por conhecimentos que explicassem os motivos da

existência, na periferia, de jovens que, mesmo tendo sido criados sob o mesmo teto e em condições semelhantes, trilhassem caminhos tão diferentes na vida adulta, principalmente, em termos educacionais.

Partindo para a revisão bibliográfica¹⁶, as produções encontradas, em sua grande parte, reproduziam uma maneira peculiar de escrever sobre os jovens (a forma estereotipada, conforme citado no início deste capítulo). Os assuntos, invariavelmente eram os mesmos, violência, roubo, gravidez precoce e drogas, que vinham aparecendo frequentemente dentre os assuntos mais debatidos nas 1.483 produções localizadas no banco de teses e dissertações da CAPES: 1.176 dissertações de mestrado e 307 teses de doutorado.¹⁷ Apenas como ilustração, destacam-se as seguintes:

TABELA 05 – ÁREAS DE PESQUISA – RESUMO - CAPES

AUTOR	ÁREA
COSTA, Márcia Rosa	Violência – Escolarização - Periferia
FACUNDO, Francisco R.G.	Fatores de Risco – Drogas
FISCHER, Denise	Adolescência - Trabalho - Estudo
MOSCOVICI, Serge	Psicologia social
OLIVEIRA, Jane M. P. Souto	Pobreza – Integração
SILVA, Helen Denise da	Valores – Gravidez
SOUZA, Abilene bispo de	Escola – Alfabetização
TAVARES, Adeílson Silva	Violência – Disciplina – Sexo Seguro
VELHO, Gilberto	Cidadania – Violência

Tal como os estudos acima mencionados, há muitos outros que fazem proposições a respeito dessas dificuldades enfrentadas pelos jovens. Porém, poucos trabalhos disponíveis tratam sobre o que a juventude realmente tem a dizer; poucos consideram o que o jovem pensa sobre sua própria condição. Deste contexto surgiu outra justificativa para a realização desta pesquisa, pois optei por evitar tais reproduções. Ao contrário disso, respeitando o fato de que este não foi o objetivo principal, essa pesquisa tentou mostrar, em pelo menos alguns parágrafos, o belo estético encontrado, tanto na juventude, quanto na periferia.

¹⁶ É uma fase da pesquisa exploratória, onde o pesquisador, a partir da verificação do que há escrito sobre o assunto, poderá delimitar mais a sua pesquisa, (Gil, 2002, p. 58).

¹⁷ Conforme consulta ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>, acesso em 17.10.2009.

Na pesquisa social, é importante uma contextualização histórica e antropológica, para possibilitar o dialogismo transitivo na escrita, que se manifesta pelo indo e vindo, analisando passado, presente e futuro, na tentativa de contribuir para uma mudança positiva.

O olhar antropológico reforça a expectativa dessa mudança positiva. É nesta expectativa que reside a terceira e última justificativa desta dissertação, a de um futuro melhor aos jovens brasileiros.

A antropologia tem como projeto formular uma idéia de humanidade construída pelas diferenças, resultado do contraste dos nossos conceitos (teóricos ou de senso comum) com outros conceitos nativos. Se este **feedback** entre pesquisa e teoria constitui o procedimento básico do conhecimento científico em geral, ele assume uma dimensão mais dramática na antropologia porque nela a pesquisa tem como característica ser **pesquisa de campo** (PEIRANO, 2010, p. 4)

Uma pesquisa como essa, que teve uma escola da periferia de Viamão como o *locus*, é considerada *de campo*, embora também tenha recebido um cuidado teórico. Para as pesquisas de campo, um dos métodos utilizados é a etnografia¹⁸.

Em se tratando de etnografia, alguns autores foram a campo e entrevistaram pessoas na sua própria cultura, compondo algumas pesquisas importantes pela imbricação do autor com o pesquisado. Refiro-me aos estudos da antropóloga da UFRGS Cláudia Fonseca, no livro “Família, Fofoca e Honra”; aos do sociólogo norte-americano Howard Becker sobre os Outsiders e da médica epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz, Simone G. Assis em seu livro “Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta”.

Cláudia Fonseca, autora de diversos estudos etnográficos, alerta sobre o cuidado que se deve ter na construção de modelos alternativos de vida social, onde o pesquisador precisa saber que a integração descritiva dos eventos é importante e que os dados não falam por si mesmos (2004). A autora ainda nos alerta para o “perigo” da justaposição de mundos, onde é melhor, em determinado momento, o afastamento do local da pesquisa para que se possa refletir melhor:

A justaposição de dois mundos produzia momentos surrealistas, como no dia em que (...) no jantar em minha casa, com alguns colegas da faculdade, interrompido por Dina, vindo pedir ajuda para pagar o hábeas corpus do marido. (Afinal, o dinheiro colecionado por meus convidados foi gasto com um advogado mais avarento do que eficaz, e o marido de Dina, preso por assalto à mão armada, permaneceu na cadeia.) Cada vez mais eu invejava Malinowski, que efetivou a necessária ruptura entre experiência de campo e fase de análise, simplesmente voltando para a "civilização".

¹⁸ “Etnografia se trata de uma forma de investigação que recolhe dados com a preocupação de compreender a (i)racionalidade do outro, o outro cultural, o outro submisso, o outro iletrado, o outro não ocidental”. (CARIA, 2008).

Tive que, de certa forma, inverter a ordem das coisas, afastando-me de casa para "escapar dos nativos", respirar e refletir. (FONSECA, 2004, p. 5)

Segui um caminho inverso ao da autora, pois além de me considerar um legítimo “vileiro”, pois residi dos 7 aos 19 anos na vila que pesquisei, fiz muitos amigos e conheci o que significa solidariedade. Na vila quando alguém precisa de um “apoio”, sempre aparece ajuda de todos os lados. O fato de conhecer a realidade local facilitou a comunicação e o acesso aos jovens, fatores estratégicos para a realização da pesquisa.

Também foi preciso recorrer a dados demográficos e quantitativos, mais especificamente sobre educação e políticas públicas. Com escassas informações sobre Viamão disponíveis na internet, estive pessoalmente na Prefeitura Municipal e na Secretaria de Educação, além de outras instituições estaduais (Memorial Histórico e Secretaria Estadual de Educação).

Durante esta etapa inicial, estive na Biblioteca Municipal de Viamão, onde esperava, nesta etapa de pesquisa documental e revisão bibliográfica, encontrar livros sobre a história da juventude viamonense.

Chegando ao prédio, localizado no centro da cidade, deparei-me com um fato curioso: na principal e única biblioteca pública, cuja fundação data do século 18, não encontrei exemplares atuais sobre a cidade que, junto com Rio Grande, teve extrema importância para o surgimento de todas as outras cidades que hoje compõem o Estado. Quando entrei no prédio onde, bem ao fundo se localiza a biblioteca pública, percebi que a fila do programa Bolsa-Família (16 pessoas) era muito maior que o número de estudantes presentes na biblioteca (apenas um).¹⁹

Conversando com a bibliotecária, recebi por empréstimo o único material sobre as vilas: um guia contendo informações demográficas. A bibliotecária chamou um rapaz que me indicou a Secretaria Municipal de Educação, que acabara de trocar de endereço. No mesmo dia fui até o ginásio localizado a cinco quarteirões de onde eu estava. Lá pude ver algumas fotografias sobre a formação da cidade e dos bairros. Este fato motivou-me a continuar buscando por mais informações. Foi então, que um rapaz orientou-me a consultar a Secretaria Estadual de Educação - onde estive na semana seguinte -, não tendo encontrado nenhum material bibliográfico, que era o meu objetivo. Ali, recebi uma informação muito valiosa: a de que algumas informações e documentos oficiais sobre a formação de Viamão estavam arquivados no Memorial do Rio Grande do Sul.

Na semana seguinte, já no mês de outubro de 2008, estive no Memorial. Foi uma experiência muito marcante para um pesquisador iniciante como eu. Senti-me muito importante ao colocar luvas para proteger documentos tão antigos e significativos na

¹⁹ Relato extraído do Diário de Campo realizado na tarde de 16 de setembro de 2008.

formação e desenvolvimento de Viamão. Para ler alguns documentos que haviam sido escritos há mais de cem anos, tive de usar uma lupa. No Memorial fui atendido por um funcionário que me indicou alguns livros sobre a história de Viamão. Com os livros em mãos, anotei cuidadosamente os autores e saí em busca deles. Como eram livros antigos, tive que realizar buscas em livrarias que comercializam livros usados. Para minha felicidade, ao longo de duas semanas, fui encontrando os livros de que precisava, que foram utilizados, principalmente, no primeiro capítulo.

Sites como o do governo federal e estadual, IBGE e ONU também foram consultados. Nesta etapa, utilizei o método documental²⁰, cujas informações coletadas possibilitaram a construção de algumas tabelas, apresentadas e discutidas nesta dissertação.

Para dar conta do objetivo proposto, foi utilizada a técnica de grupos focais vivenciais, já que essa técnica também pode ser utilizada de forma virtual. Visando a melhor compreensão do leitor, todo o processo da técnica, em suas fases (preparação, realização e esgotamento) será descrito de forma detalhada.

2.1.1 - Primeiras impressões sobre a juventude viamonense

Com a realização do grupo focal programada para o dia 12 de novembro de 2009, foi feito contato com a direção de uma escola da periferia de Viamão. Neste contato foram explicados detalhes sobre a realização do grupo focal e lembrada a importância dos objetivos específicos da pesquisa, para a realização dos quais seria necessário o apoio da escola.

No final do mês de outubro e início de novembro do ano de 2009, após ter conseguido autorização do corpo administrativo da escola, os alunos de algumas turmas foram convidados a participar da pesquisa. Dos quase 200 alunos convidados, 51 aderiram e assinaram o termo²¹ para participarem da pesquisa. Nesta etapa, foi utilizado um formulário para coleta de dados cujas respostas foram tabuladas posteriormente, gerando a Tabela 06, possibilitando as primeiras análises sobre aquela juventude específica:

²⁰ Diferentemente da pesquisa bibliográfica, que se constitui por contribuições de autores, a *pesquisa documental* vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico.

²¹ Os menores de 18 anos levaram o termo de consentimento para seu responsável (maior), assinar.

TABELA 06 – DADOS JUVENIS INICIAIS

CARACTERÍSTICA	% FEM	% MASC
Residem com os pais	74	87,5
Trabalham ²²	22	29,16
Possuem telefone	100	100
Utilizam e-mails	22,22	37,5
Bolsa Família	14,81	8,33
EJA	7,40	8,33
Movimentos/Protestos	14,81	25

Quanto à questão do *uso do celular* por praticamente cem por cento dos jovens que aceitaram participar da pesquisa, foi possível constatar que eles, mesmo fazendo parte de uma população de baixa renda, pelo que parece, vêm tendo acesso a tecnologias do mundo moderno e globalizado. Sobre este aspecto, partindo de uma análise sociológica, é interessante o jovem utilizar as tecnologias, desde que este hábito de consumo não lhe gere prejuízos (de desemprego, por exemplo), o que aconteceria se ele consumisse sempre produtos importados. Se o jovem cultivasse hábitos de consumir produtos importados, fortaleceria a empregabilidade dos países fabricantes do produto, enquanto o mesmo produto poderia estar sendo produzido em terras brasileiras, contribuindo para o aumento, já discutido, da dominação mundial pelas empresas transnacionais.

Um estudo de Abramovay (2009), realizado a partir da escuta juvenil, de forma similar a esta pesquisa, também discutiu a característica consumista da juventude. Na pesquisa, onde os jovens foram ouvidos, os mesmos se auto-definiram como os jovens da moda e da aparência, conforme tabela abaixo.

TABELA 07 – O JOVEM SE AUTODEFINE POR – (ADAPTADO)

CARACTERÍSTICA	%
A moda e a aparência	26,9
A consciência, a responsabilidade e o compromisso	14,6
A linguagem, a música	9,8
A insegurança pessoal e social	9,6
A falta de perspectivas	8,1
Ser criativo/empreendedor	7,1
Ser egoísta	6,1
Ser questionador/transgressor/ousado	5,0
A força e a agilidade	4,6
Ser instável emocionalmente	2,8

²² Apenas uma (1) das 11 meninas e cinco (5) dos 12 meninos trabalhavam tendo a carteira assinada.

Abramovay também alertou para o fato deles não se perceberem como consumistas. Embora estejam sempre na moda, possivelmente compram somente o essencial para se manterem na moda e tem aí um baixo consumo por produtos que não lhes fornecem identificação enquanto jovens, já que fazer parte da moda é se identificar como um grupo situado cronologicamente numa fase transitória da vida, ou apenas como grupo social.

Se por um lado a sociedade planetarizada oferece uma infinidade de opções de consumo para o jovem sempre estar na moda e com uma boa parcela de contribuição advinda dos meios de comunicação, o que o torna consumidor; por outro, o desejo do adulto de viver como jovem, de ser jovem, o torna também alvo deste tipo de consumo, invertendo uma lógica ocorrida no início do século passado.

Por volta de 1920, era comum aos jovens usarem bigodes postiços para parecerem mais velhos. Também era comum a ansiedade em completar os 18 anos, idade em que geralmente se ingressava na vida produtiva/reprodutiva. Já nos dias de hoje, os adultos e velhos, estes últimos, principalmente, é que querem ter o espírito de jovem, o que faz emergir certa dificuldade dos jovens frente à consciência ética, pois para Abramovay, eles estavam

Premidos por um mundo adulto que, ao mesmo tempo em que os coloca como alvo máximo de seus desejos estéticos (ou lançando mão de um termo empregado de modo muito corrente na contemporaneidade para definir algo que é muito desejado e potencialmente adquirível através da compra, verdadeiros “sonhos de consumo”), na outra mão, relega-os a um plano eminentemente secundário, limitando-os à condição de “modelos mudos”. Assim, caçando-lhes a palavra através de variados mecanismos de exclusão - compreendidos, entre outros, pela visão dual e maniqueísta tanto de seu presente quanto de seu futuro, pela imposição de uma ordem adultocrata, na qual os espaços de contestação e expressão dos jovens são raros, e pela culpabilização por mazelas quase sempre associadas a episódios violentos, as quais, apresentadas como inerentes à juventude, são despidas de um significado social -, reforça-se uma prática que trafega na contramão da noção de ética aqui referida. Isto porque, e justamente por conta de sua natureza excludente, não contempla a síntese dos chamados interesses coletivos – aí incluídos os juvenis -, conjunção esta imprescindível para a constituição da chamada consciência ética (2009, p. 12).

Entretanto, a academia, considerando que não se pode determinar uma juventude de forma generalizada, embora elas tenham diversos pontos que são comuns, utilizarei o termo juventudes, e, nesta perspectiva, entendendo que há várias juventudes, escolhi uma juventude, que, para mim, é singular. A juventude a que me refiro é uma juventude específica, a juventude da periferia de Viamão; uma juventude feliz, divertida, festeira, guerreira e inteligente com a qual sempre convivi. Abramo (2002), contrapondo-se à visão do jovem como problema, sugere um trabalho que tenha como foco a construção dos jovens como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos.

Para Guimarães (1997), os jovens possuem a característica de se unirem por agremiações, bairros, zonas, escolas e, acrescento, por turmas, tal como foi percebido em relação à adesão da turma 302 do noturno, que participou em massa desta pesquisa.

Durante os encontros que ocorreram na escola, foi percebido que eles inventam novos estilos como calças rasgadas e esparadrapos nos tênis, numa demonstração aparente da capacidade empreendedora, criativa. Na vila, os grupos de jovens chegam e saem da escola, quase sempre juntos, curtindo seus MP3's. Além disso, vestem-se de modo parecido, quase todos possuem celulares e usam tênis de marca que, geralmente, requerem um investimento mais elevado.

Para Dayrel (2010), nas sociedades planetarizadas os jovens têm sentido influência de diferentes modos de viver; com diferentes modelos sociais. Para ele, este fato remete a uma nova forma de juvenilizar-se (representar a juventude), que agora se dá mais centrada em si e se manifesta de forma autônoma e dinâmica. Isso é um fator negativo para o jovem, pois para exercer sua autonomia, ele precisa de referências (modelos). É como buscar um apoio nas decisões e não recebê-lo, o que acaba por gerar uma falsa noção de liberdade; uma liberdade sem limites.

Por isso, torna-se necessário e urgente, educar os jovens sobre hábitos de consumo. Caso contrário, hábitos inadequados poderão ajudar a criar um mundo no qual o próprio jovem será a maior vítima, reforçando a lógica de dominação, como os adultos, em algumas regiões do Brasil, já o fazem.

Na favela da Rocinha, por exemplo, os moradores têm por hábitos de consumo: a marca mais famosa de sabão em pó (72,5%), a marca mais cara de café (86,3%) e de açúcar (63,8%) (MARTINS, 2008 p. 36). Dessa forma, o próprio oprimido contribui para a sua própria desgraça e, em consequência, para uma patologia do espaço, onde Giddens afirma que “somos a primeira geração de uma sociedade cosmopolita global, que emerge de maneira anárquica, fortuita e que está sendo trazida por uma mistura de influências” (2002, p.28). É o lado negativo da globalização, aquele que traz miséria e desesperança.

Com isso e pelo crescimento de um mundo em rede, podemos estar perdendo o controle sobre as coisas e sofrendo os riscos locais, como a violência, e agora também, os riscos externos, como a crise imobiliária nos EUA. Para Giddens “viver numa era global significa enfrentar uma diversidade de situações de risco” (2002, p. 45).

Outro fato que merece atenção é o *prolongamento do tempo sob dependência da família*. Alguns jovens, mesmo casados, moram com os pais. Este período dependência familiar vem se alterando. O tempo cronológico que corresponderia ao enquadramento da

juventude, anteriormente definido como período que varia dos 12 aos 24, ou dos 15 aos 24 anos (UNESCO), em 2008 foi prolongado até os 29 anos. Psicologicamente é um período crítico de definição do ego, com grandes mudanças na personalidade (OIT, 2009). Para Coimbra

Algumas práticas baseadas nos conhecimentos hegemônicos da Medicina e da Biologia, dentre outros, têm afirmado, por exemplo, que determinadas mudanças hormonais, glandulares e físicas, típicas dessa fase, são responsáveis por certas características psicológico-existenciais que seriam próprias da juventude. Descrevem, assim, suas atitudes, comportamentos e formas de estar no mundo como manifestações dessas características, percebidas como uma essência e, portanto, como imutáveis. Dessa maneira, “qualidades” e “defeitos” considerados típicos do jovem como entusiasmo, vigor, impulsividade, rebeldia, agressividade, alegria, introspecção, timidez, dentre outros, passam a ser sinônimos daquilo que é próprio de sua natureza (2005, p. 339).

Algumas dessas marcantes características da juventude costumam ser interpretadas pela sociedade adulta como desvio, como impossibilidade de uma integração mais harmoniosa das juventudes no convívio social tido e considerado como adequado. De modo que circula pela sociedade de uma forma difusa, um certo medo das juventudes.

Como vítimas ou como promotores da cisão e da dissolução social, os jovens se tornam depositários desse medo, dessa angústia, o que os faz aparecer, mesmo para aqueles que os defendem, e que desejam uma transformação social, como a encarnação das impossibilidades de construção de parâmetros éticos, de parâmetros de equidade, de superação das injustiças, de formulação de ideais, de diálogo democrático, de revigoração das instituições políticas, de construção de projetos que transcendam o mero pragmatismo, de transformação utópica. Ou seja, como encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade ela mesma tem se enfrentado. E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos e entendidos, como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros. Permanecem, assim, na verdade, semi-invisíveis, apesar da sempre crescente visibilidade que a juventude tem alcançado na nossa sociedade, principalmente no interior dos meios de comunicação (ABRAMO, 1997, p 32).

Tomando o termo juventude sob uma raiz sociológica, podemos o definir como um período de transição do estado de dependência para o de autonomia. Para Castro

A juventude caracteriza-se, também, por ser o momento de entrada na vida adulta. Tradicionalmente, esta entrada ocorre pela saída da escola, seguida da inserção profissional e da constituição de um novo núcleo familiar/domiciliar, com ou sem filhos (2009, p. 77).

Diante destas proposições, é de extrema importância que se forneça ao jovem de hoje, as melhores possibilidades para ele chegar dignamente à vida adulta, constituindo de forma confortável, uma família. É uma pena que isto não esteja acontecendo ainda, embora algumas

ações já venham sendo implementadas. No capítulo III serão discutidas as reais necessidades dos jovens viamonenses, assim como algumas ações para a juventude o serão no capítulo IV.

O terceiro e último dado a ser destacado dessas primeiras impressões, já que os demais dados da tabela serão mais discutidos ao longo da dissertação, foi o *desconhecimento geral do funcionamento das políticas públicas* na periferia, inclusive do ProJovem, uma política pública liderada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome destinada à juventude. Esta política pública será discutida no capítulo 4. Em relação à participação política, como atores sociais, pareceu que os jovens interpretaram *participar de grupos de jovens* como participar de *protestos/manifestos*, já que, pelo grande percentual de alunos que se declararam nesta segunda opção, a direção escolar foi consultada, a qual informou que, em vinte anos atuando na escola, jamais presenciou protesto algum.

2.1.2 – Preparando o grupo

Na semana que antecedeu a pesquisa, entrou-se em contato, via telefone, com os jovens que haviam decidido participar da pesquisa. O objetivo do contato foi confirmar a presença deles no dia em que o grupo focal seria realizado. Além deste objetivo, a ligação foi utilizada para aplicação de um questionário estruturado, que serviu de base para uma melhor preparação do moderador do grupo focal e para a própria organização do grupo. Após reforçar o convite para a participação no grupo, foi perguntado:

- Enquanto jovem, qual é a tua maior preocupação hoje? O que mais te deixa com medo ao pensar no presente? Ao pensar no futuro?

Previendo que alguns fossem jovens pudessem faltar ao encontro, foi organizado um contato prévio. Com tal contato, pelo menos os dados preliminares gerais poderiam ser explorados e comparados com o grupo juvenil efetivamente presente no dia da realização do grupo focal, ocorrido posteriormente.

Dos 24 meninos e das 27 meninas que haviam se inscrito, não foi possível o contato com alguns. A maioria estava com celular desligado. Para os 8 jovens que atenderam ao telefone, a maior preocupação se deu com relação às dificuldades de acesso ao trabalho (64%), com a violência em segundo lugar (18%). Ainda apareceram preocupações com as mudanças no mundo (9%) e com as drogas (9%). Entre as 22 meninas que responderam, a

maior preocupação ficou em torno das drogas (31%) e da gravidez e violência em segundo com 18 e 17%, respectivamente. Ainda apareceu a preocupação com o desemprego (14%), conforme Tabela 8.

**TABELA 08 – PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES
GRUPO DE 51 JOVENS**

MENINOS (8)	%	MENINAS (22)	%
Trabalho	63,63	Drogas	7,31
Violência	18,18	Gravidez	5,68
Drogas	9,09	Violência	5,67
Mudanças no mundo	9,09	Trabalho	3,14
		Qualidade do ensino	1,5

Os dados coletados nesta fase inicial (Tabela 08) proporcionaram segurança para seguir em frente com a pesquisa. Diante deles, foi possível planejar melhor o momento do grupo focal, que se realizaria adiante. As informações sobre as necessidades individuais serviram de base para enriquecer a discussão, *a posteriori*, durante a realização do grupo focal. Os três assuntos que se entrecruzaram no somatório dos percentuais dos dois gêneros foram o *trabalho* (67,77%), a *violência* (23,85%) e as *drogas* (16,40%). Porém foram demandas individuais, o que eu não poderia levar em conta em se tratando de grupo focal.

Esses três dados não formaram uma base consistente para a pesquisa, Era necessário investigar o que eles pensavam enquanto grupo; enquanto grupo que (com) vive na periferia já descrita no capítulo anterior.

2.2 - Trabalho em grupo: focalizando as necessidades juvenis

No dia 12 de novembro, por volta das 17 horas, cheguei à escola com uma equipe de filmagem²³. Lá encontrei um rapaz pintando o portão de acesso ao pátio da escola. Até chegar à sala onde ocorreria o grupo focal passamos por mais três portões de grade, fechados com cadeados. Adentrando, logo percebi a vida existente ali no ambiente escolar, pois o pátio que continha diversas árvores estava coberto por um lindo céu azul e, mediante o silêncio do local,

²³ Para facilitar na transcrição das falas, duas câmeras de vídeo foram utilizadas durante a realização do grupo focal. A idéia inicial era filmar dois grupos ao mesmo tempo, porém nenhum aluno do turno da manhã conseguiu ir. A maioria não tinha como ir sozinho (a).

consegui ouvir o canto de um pássaro que estava em uma das árvores. Já próximo ao local de acesso à sala, identificamos uma faixa que anunciava: “A escola está aberta aos finais de semana. Participe!”²⁴. A direção veio nos recepcionar e nos levou até a sala, onde organizamos um belo café da tarde para recepcionar aos pesquisandos.

Como eles estavam demorando, tive de passar novamente de sala em sala perguntando quem iria participar. Ao todo, 22 educandos do ensino noturno, com idade entre 18 e 25 anos compareceram para o grupo focal no dia 12 de novembro (Tabela 09). A ideia era ouvir as meninas e depois os meninos, confrontando posteriormente suas escolhas.

TABELA 09 – COMPOSIÇÃO DO GRUPO FOCAL²⁵

ANO DE ESTUDO	MENINOS	MENINAS
8ª Ano do Ensino Fundamental	0	2
1º Ano do Ensino Médio	2	3
2º Ano do Ensino Médio	3	0
3º Ano do Ensino Médio	7	5
Total	12	10

Meio desconfiados, eles foram chegando para o encontro. Enquanto isso, alguns cuidados relativos à técnica foram lembrados. Durante as instruções iniciais para a realização do grupo focal, tentei fazer uso de uma linguagem peculiar daquela periferia:

- Fiquem tranqüilos. Sei que neste momento vocês devem estar pensando: “Quem é esse lóco aí? Que chega nos enchendo de perguntas?” Após o comentário, rolaram alguns risos entre eles.

Sob uma perspectiva de pesquisa qualitativa, Neto define grupo focal como

uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico (2002, p. 4).

²⁴ O cartaz referia-se ao Programa Escola Aberta - iniciativa municipal cujo objetivo é transformar as escolas em espaços abertos para a educação, cultura, esporte, oficinas e lazer nos finais de semana.

²⁵ Durante a dissertação, quando farei a transcrição das falas dos educandos, seus nomes serão preservados, sendo substituídos pela inicial de seus respectivos nomes.

Cabe ressaltar que é sempre importante valorizar a opinião do grupo como um todo. Por isso,

a unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo. (GONDIM, 2003, p. 151).

Com os alunos já em sala, exercendo o papel de “moderador”, passei-lhes as orientações para dar início ao encontro, levando em conta que a minha principal função foi a de facilitar a discussão:

- Então para quem não me conhece ainda, meu nome é Magnos. Eu já havia me apresentado da outra vez aí nas turmas; a gente está desenvolvendo um trabalho importante. Por isso, antes de iniciar eu gostaria de dizer que fiquei muito contente em ver esta sala aqui cheia de jovens para discutirmos assuntos que são do nosso tempo (neste momento, coloquei-me como jovem, eliminando possíveis diferenças). Então é esta a ideia; é para isso que a gente está aqui hoje. Eu queria que, neste papel que distribuí, vocês escrevessem individualmente o seguinte: uma palavra que simbolize a sua maior preocupação hoje.

Enquanto eles pensavam e escreviam, alguns espiavam o bilhete do colega, debatendo um pouco antes de decidir sua opinião. Em grupo, isto é comum, pois sempre haverá influências e trocas.

Em seguida, foram separados por gênero e lhes foi dado quinze minutos para que, em grupo, discutissem e definissem o assunto de maior relevância ao grupo. Nesta etapa onde ocorrem duas plenárias (uma masculina e uma feminina), foi possível eliminar uma possível questão de gênero, pois tanto para as meninas, quanto para os meninos, o ponto relevante foi o mesmo.

Para o encontro, garantindo a isonomia das opiniões juvenis, não se tinha, para o início das conversas, nenhum assunto, *a priori*, para discutir com eles. Se fosse o caso, após a realização do grupo, esta pesquisa seria redirecionada, visando à manutenção do foco em valorizar a escuta juvenil, respeitando as suas demandas. Do grupo focal saiu uma necessidade preponderante e uma secundária, tal como já havia aparecido nos contatos telefônicos. As duas prioridades, então, serão apresentadas e melhor discutidas no capítulo III.

Por isso, esta pesquisa qualitativa, ao contrário do positivismo, se utilizará mais do construtivismo e do participacionismo, de modo que, ao final, espera-se poder contribuir com algumas ideias para a formação de uma sociedade mais igualitária e com forte participação cidadã. Conforme bem orienta Gondim

O conhecimento do mundo para os adeptos da abordagem qualitativa, não deve ser um fim em si mesmo, mas um instrumento para a autoconscientização e ação humana, exigindo-se do pesquisador, um maior comprometimento com a transformação social (2003, p.150).

Quando os quinze minutos se esgotaram, recolhi o que haviam escrito, eliminando o risco de mudarem o consenso que havia sido formado entre os jovens e entre as jovens. Guardei os papéis para o segundo momento, onde a questão das suas necessidades seria discutida.

No primeiro momento, posicionando-os em círculo, perguntei-lhes:

2.2.1 - O que é ser jovem?

Fer: - Alguns te julgam criança e outros te julgam como adulta. Eu acho que tu ta no meio das duas coisas né? Os pais mesmo se confundem nisso.

Este “vir a ser”, designado por Dayrell, que representa o momento de transitoriedade do jovem, é marcado pela lógica da experimentação. De forma romântica e às vezes até irresponsável, o jovem vai experimentando, às vezes até mesmo desmedidamente, situações que podem colocá-lo em risco pessoal, como é o caso das drogas. Se

exatamente ali onde a abundância, a plenitude e capacidade de realização parecem reinar, nós nos deparamos com o vazio, a repetição e a perda do senso de realidade. Um tempo de possibilidades excessivas torna-se possibilidade sem tempo, isto é, simplesmente um mero fantasma da duração, uma chance fantasma. (Melucci, 1997, p. 10)

Apesar de vir aumentando a discussão sobre a juventude, pouco ainda se tem produzido na linha que este estudo pretende contribuir, qual seja, o registro da *escuta* sobre o que o jovem tem a dizer. Para Abramo, ainda são poucos os estudos que levam em conta as percepções dos jovens, suas formas de sociabilidade e de atuação (1997, p. 25).

O assunto das drogas, na opinião dos jovens pesquisados, não está entre os de maior relevância, embora se correlacione com os temas da violência e da educação, que serão discutidos adiante.

Mesmo convivendo com as drogas, com a insegurança e com problemas familiares e educacionais, os jovens, pelo que foi percebido, demonstraram uma alegria muito grande durante o encontro. Pareciam felizes quando se referiram ao seu tempo. A fala de um jovem, durante o grupo focal pôde demonstrou tal sentimento:

Fa: - Na juventude a gente tem que desfrutar o máximo possível, estudar, namorar...

Nessa linha de raciocínio, O livro *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*, que teve a colaboração de Mirian Abramovay (2009) também demonstrou que, embora estejam vivenciando certas dificuldades na atualidade, os jovens estão, na grande maioria, satisfeitos com a fase em que estão vivendo. A publicação mostrou que, em relação a sua própria existência, 6% dos jovens estavam muito satisfeitos, enquanto 69% estavam satisfeitos.

A tabela 10, adaptada do estudo referido acima (p. 39-43), ao ser analisada no sentido vertical, de cima para baixo, remetendo-nos para a especificidade dos fatores que dão suporte a essa noção de satisfação, permitem referenciar os dois principais aspectos que refletem na satisfação da juventude: família e saúde. O jovem se sentirá cada vez mais satisfeito consigo mesmo, na medida em que tiverem uma boa estrutura familiar e de saúde.

TABELA 10– O QUE SATISFAZ OS JOVENS – ADAPTADO

RAZÕES	%
Família	43
Saúde	26
Emprego	8
Estudo	7
Amigos	4
Diversão	4
Relação amorosa	3
Situação do país	2
Governo	1
Outros	1
Não respondeu	1

Analisando-se a tabela de cima para baixo, temos a prioridade dos aspectos que contribuem para a satisfação dos jovens, a análise da mesma tabela, no sentido inverso, de baixo para cima, permite constar áreas em que a sociedade precisa contribuir em relação às juventudes. Por exemplo, se dos entrevistados, somente 1% estava satisfeito com a atuação do governo, significa que os outros 99% estavam insatisfeitos. Já em relação ao emprego, pode-se dizer que 92% estavam insatisfeitos. Se fosse possível comparar aos dados da pesquisa desenvolvida por Abramovay (onde 1/4 da população jovem estava insatisfeita), com o total

de jovens no Brasil²⁶, isto representaria em torno de doze milhões e meio de jovens insatisfeitos, o que justifica a grande preocupação em trabalhar os assuntos demandados por eles, os quais serão explicitados adiante.

Parece que, por parte do governo federal, algumas ações já estão sendo providenciadas no sentido de melhorar esta situação, pois, em 2005 foi criada a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), vinculada à Presidência da República, com o objetivo de articular programas voltados à população jovem. Em 2008, o Senado Federal aprovou a PEC 42/2008, conhecida como PEC da Juventude. A proposta insere o termo juventude no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, mudança que aponta para o avanço das políticas públicas existentes, elevando-as a um patamar de política de Estado. Se os jovens são sujeitos de direitos, então merecem políticas públicas específicas. As políticas públicas que mais atendem às características específicas dos jovens que fizeram parte da amostra desta pesquisa serão discutidas no capítulo 4.

2.2.2 – Necessidades da “rapaziada”

As necessidades dos jovens começaram a convergir a partir de dois momentos. Primeiro, quando eles foram separados em plenárias por gênero, e depois, quando formaram o grande grupo, dispostos em um círculo maior.

Na plenária masculina, os meninos, já de início, decidiram que o tema relevante seria a violência. “Gu”, apontando seu bilhete para o meio do círculo no qual eles estavam dispostos, falou:

É violência né?

Neste momento, mais quatro dos jovens sorriram e também apontaram seus bilhetes, entendendo que drogas também eram violência e é este o motivo pelo qual o assunto das drogas não será abordado como foco principal desta dissertação.

A grande maioria dos meninos concordou que violência era o tema a ser debatido. Eles ainda discutiram por mais alguns instantes, identificando outros fatores que geram influências recíprocas no grande tema que é a violência.

A discussão, agora em torno da violência, transcorreu conforme abaixo:

²⁶ Segundo IPEA (2009), o Brasil possui atualmente, cerca de 50,2 milhões de jovens.

Je: - Violência no trânsito;

Gu: - Por que acontece a violência? Por causa das drogas;

Ev: - E porque que os dois se encontram (se referindo a violência e drogas)? - Por que os caras não trabalham;

Gu: - Quando um trabalha, vai e compra. Daí matam o loco!

Di: - É que tudo tá uma dentro da outra. Se tu falar de drogas, leva a violência; agora falar de violência, também leva às drogas;

Fa: vamos fazer assim: vamos identificar o que a violência atrapalha. Atrapalha nos estudos, no trabalho;

Di: - Atrapalha no trabalho;

Je: - É, a violência atrapalha.

Er: - Tá, mas tem de ver o seguinte: dentro da violência, drogas... violência e drogas, tem muita coisa que leva a violência; desrespeito por exemplo;

Ja: - Racismo!

Di: - Fome!

Je: - Preconceito;

Pa: - Ô meu! Desrespeito também;

Je: - Corrupção;

Fa: - Desvio de dinheiro é violência; é crime; afeta tudo: saúde, estudo, patrolamento nas ruas;

Di: - Quem trabalha e usa (drogas), é outro tipo. Eles ficam na deles.

Je: - No que tu ajuda o tráfico, tu tá gerando violência igual; tá fortalecendo o traficante.

Gi: - Falta de oportunidade;

Je: - Ignorância do ser humano.

Como se pôde perceber, da discussão emergiram inúmeras facetas correlacionadas à violência, demonstrando a necessidade de uma escrita dialógica.

Enquanto os meninos discutiam, as meninas também levantavam o fator relevante para elas. Para isso, uma delas foi perguntando para as demais, o que cada uma havia escrito. Ela transcreveu num papel, os temas relevantes para cada uma, a partir das falas:

An: - Gravidez;

Fer: - Drogas;

Man: - Violência e assaltos;

Mar: - Violência;

Da: - Violência;

Fe: - Desemprego.

Fer: - Alguém escreveu alguma coisa quando botou violência?

Pa: - Então vamos falar de violência...

Na: - Escreve o que a gente acabou de falar;

Pa: - E o que a gente acabou de falar?

Fer - Que a violência é gerada por esses outros fatores.

Notei que as meninas se sentiram mais constrangidas com a presença da câmera filmadora, o que atrapalhou nesta etapa do encontro, embora o objetivo de chegar a um ponto em comum tivesse sido alcançado, pois escolheram o tema da violência. Elas definiram que o tema central seria a violência. “Pa” sugeriu:

- A gente coloca violência e vai listando os assuntos relacionados.

Finalizada a etapa das plenárias por gênero, os jovens foram dispostos num grande círculo para realizarem a plenária geral, agora com os dois grupos misturados. Após toda a discussão sobre o que é ser jovem ter se esgotado na primeira parte da plenária geral, foi perguntado aos jovens:

Moderador: Então, pessoal... qual é a maior preocupação de vocês?

Quase que em coro, o grupo respondeu:

- Violência!

A utilização da técnica de grupos focais possibilitou a comparação com a pesquisa realizada por telefone, onde pequenas mudanças (crescimento do foco na violência e no trabalho) puderam ser identificadas. Neste sentido, Mondin, em seu estudo sobre esta técnica de investigação orienta que:

Nos grupos focais vivenciais os próprios processos internos ao grupo são o alvo da análise e estão subordinados a dois propósitos: na vertente teórica e no de permitir a comparação de seus achados com os resultados de entrevistados por telefone e face a face. (2003, p. 152).

Para fins de discussão, foram levados em consideração os discursos dos jovens participantes do encontro, principalmente os discursos convergentes, ou seja, aqueles nos quais nenhum outro jovem manifestou oposição. Quando isso ocorria, os temas eram levados

à exaustão, por meio de perguntas como “Alguém tem algo mais a acrescentar sobre este assunto?”.

Mesmo diante deste tipo de pergunta, duas semanas após a realização do grupo focal, foi realizado um encontro com este objetivo. Na ocasião, para realmente perceber se ainda havia ficado algo para ser discutido, o moderador, sob o pretexto de apresentar a filmagem sobre a primeira reunião realizada, organizou-se um novo encontro. Porém, desta vez, o critério utilizado para participar do encontro foi o da livre escolha. Estiveram presentes 15 dos 22 jovens que haviam participado do grupo focal. Eles assistiram ao vídeo sobre o grupo. Foi-lhes perguntado se queriam retomar algum assunto, mas o silêncio prevaleceu. Sendo assim, considerou-se esgotada a discussão a respeito de suas necessidades.

Embora tenha sido escrito que a *violência* pode estar fazendo parte da visão distorcida sobre a vida juvenil, este tema, por ter sido escolhido por consenso pelo grupo, tanto na plenária masculina, quanto na plenária feminina, como a principal preocupação juvenil, será discutido de forma mais aprofundada no próximo capítulo. Como se pôde perceber, este assunto também se demonstrou importante no grupo maior, de 51 alunos.

Já a temática do *trabalho* - que havia sido escolhida como a mais relevante para o grupo de 51 alunos - também será discutida de forma mais detalhada. Isto porque, acredita-se que a falta de oportunidades pode ter alguma relação com o aumento da violência.

As questões relacionadas à violência e ao mundo do trabalho foram amplamente discutidas durante o grupo focal, sempre tendo a educação como pano de fundo. Já algumas questões, como drogas e gravidez, proporcionalmente aos três assuntos anteriores, tornaram-se insignificantes. Os jovens apenas citaram algumas situações onde elas correlacionaram-se com a violência, principalmente. Por este motivo, esses temas foram considerados secundários nesta pesquisa e, portanto, não serão discutidos de forma específica.

Juntamente a esses dois elementos (Violência e Trabalho), no capítulo 4, a Educação também será abordada, pois o jovem que não se educa pode ficar mais susceptível a partir rumo à marginalidade. Outrora, é sabido que a renda do cidadão aumenta significativamente a cada ano de estudo. Ou seja, a educação está intimamente relacionada com o surgimento de melhores oportunidades de trabalho.

3 - “METENDO A BOCA NO TROMBONE”: NECESSIDADES DOS JOVENS “VILEIROS”

Este capítulo, elaborado a partir da escuta juvenil, discutirá, preponderantemente, os temas da *violência* e da *dificuldade de acesso ao trabalho*. Esses dois temas foram amplamente ressaltados pelos jovens durante a realização desta pesquisa. A violência foi o tópico escolhido, em consenso, nas plenárias do grupo focal, como sendo a principal preocupação juvenil. Já o tema das dificuldades de inserção no mercado de trabalho, apareceu em dois momentos: durante a pesquisa, na consulta telefônica realizada com o grupo, que havia aceitado fazer parte da pesquisa e, posteriormente, nas falas juvenis durante o grupo focal.

3.1 - A violência está no ar ou debaixo de sete palmos?

Na atualidade, é difícil passar um dia sem ter acesso a alguma notícia sobre violência²⁷. Esse assunto, além do destaque na imprensa, também vem recebendo atenção por parte do estado e de entidades não governamentais.

Como exemplo, reporto-me ao debate sobre a violência no ano de 2009 em Viamão, *I Fórum sobre Segurança Pública de Viamão*²⁸. Neste evento, cujo objetivo foi a discussão sobre as possibilidades de melhoria na segurança, estiveram presentes representantes da comunidade, estado, município e ONG's. O encontro foi importante para que o município de Viamão, posteriormente, aderisse ao Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI). Esse programa vai articular ações sociais com políticas de segurança pública no enfrentamento à violência e à criminalidade. Até 2012, serão investimentos R\$ 6,707

²⁷ O termo violência refere-se às formas de transgressão à normalidade nas relações sociais, sendo caracterizada, principalmente por agressões físicas ou verbais. O conceito de violência foi amplamente discutido na dissertação “Eu também quero falar” (Costa, 2000, p. 46-67).

²⁸ A notícia “Fórum sobre segurança pública” está disponível no site: http://www.portalviamao.com.br/site2/index.php?acao=noticias_destaque&cod=92 Acesso em: 25/10/2010

bilhões. O orçamento do programa para o ano de 2010 foi de cerca de R\$ 1,1 bilhão, atendendo inicialmente aos estados e municípios que já o aderiram²⁹.

Mesmo diante desses investimentos, parece haver, na periferia, um descrédito em relação à atuação do estado quando se refere à manutenção de um dos direitos fundamentais da população, o de ir e vir, e principalmente, à vida, estabelecidos Constituição Federal de 1988, em seu artigo quinto:

Todos são iguais, perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do **direito à vida**, à liberdade, à igualdade, **à segurança** e à propriedade (...).

Na sociedade brasileira, a promulgação da Constituição Federal representou a instauração do Estado Democrático de Direito. Porém, um dos emergentes direitos da sociedade – o direito à segurança - teve uma escassa discussão, passando a ser de responsabilidade das polícias, com auxílio das forças armadas. A ausência do Estado, para os jovens, pode estar contribuindo para o aumento da violência desenfreada, o que, como já explicitado, gera prejuízos no acesso ao trabalho e à educação.

A modernidade tardia, ao entrelaçar-se com o capitalismo, desencadeou uma ruptura dos controles sociais tradicionais. Nesse sentido, lembro-me quando criança, ao realizar algo fora dos padrões morais, era “ameaçado” por meus pais. Muitas vezes, me diziam: “a polícia vai te pegar”! Ou então: “você não vai para o céu quando morrer”. Essa forma repressiva de educar permanece sendo valorizada pela juventude local:

Fe: Eu acho que só conversa não adianta. Porque meu pai me batia, e me dizia: um dia tu vai me agradecer por eu estar fazendo isso. E hoje eu agradeço a ele. Porque se ele não tivesse me batido, se ele não tivesse gritado comigo, talvez eu tivesse feito alguma coisa errada entendeu?

Podemos analisar nessas “ameaças”, a presença forte do estado (formal) e da família (informal) na busca pelo controle social correcional, tentando garantir, desse modo, um bem-estar social. Ocorre que esse controle social está sendo influenciado por uma invasão dos meios de comunicação na esfera da socialização (SANTOS, 2004). São novelas, “Big

²⁹ Mais informações sobre o Pronasci estão disponíveis no site do Ministério da Justiça: <<http://portal.mj.gov.br/pronasci/main.asp?ViewID={A4C659C5-8403-4BEB-B71B-92B08F8723B7}¶ms=itemID={43ADC4BC-ABBD-4FFB-A8B7-DFD98E44729B};&UIPartUID={2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE}>> Acesso em: 15/09/2010

Brothers” e “Fazendas” a todo instante, estimulando e interferindo no comportamento social da juventude.

Ca: O Estatuto diz que se o pai bater no filho é agressão. Que estatuto é esse então? Se o pai não vai educar mais o filho.

Com o intuito de promover uma mudança de mentalidade, o Estatuto da Criança e do Adolescente aprovado em 1990, representou um inegável avanço no campo do Direito, trazendo propostas concretas de caminhos e ações direcionadas à valorização da família, ao respeito à dignidade, ao importante papel da comunidade na educação das crianças e adolescentes e às responsabilidades do Estado.

Não se pode deixar de considerar a crítica de que a representação sobre as crianças e juventudes ainda permanece muito influenciada pela visão dos adultos, presente na construção do Estatuto, que substituiu o Código de Menores. Conforme Coimbra (2005, p. 344), o Código de Menores, primeira lei brasileira específica para a infância e adolescência, passou a chamar de “menor”, as crianças pobres. Para a autora, esta marca ainda permanece na subjetividade dos brasileiros.

Para Pinheiro, a representação que predominou nos debates da Assembléia Nacional Constituinte sobre as crianças e adolescentes foi a

representação da criança e do adolescente como sujeitos de direitos. Entre os diferentes sujeitos sociais, essa última predominância também se verifica na fala dos integrantes do movimento em defesa da criança e do adolescente. No Plenário e na Subcomissão, a proteção circulou com veemência, através de: apresentação de propostas para o texto constitucional, por vezes fundadas em posicionamentos religiosos e humanitários; críticas ou sugestões concernentes à assistência; e levantamentos de realidade, apontando precárias condições de vida de crianças e adolescentes (2004, p. 349).

A partir da escuta juvenil, percebeu-se que os direitos à vida, e, principalmente o direito à segurança estão sendo violados na periferia, com isso os jovens não estão conseguindo ver uma possibilidade de mudança positiva num futuro próximo. Ao contrário, eles demonstraram estar revoltados pela falta de segurança e com o fato de não terem acesso aos serviços que estão previstos pela Constituição:

Ca: hoje em dia, de vez em quando, tu vê uma viatura na rua, com dois ou três policiais dentro, pra cuida de quanta gente? Então não tem explicação! (...) Muitas vezes, a Brigada³⁰ mesmo. Quando a gente precisa de alguma coisa séria. Na minha família mesmo, aconteceu duas vezes, de eu precisar e eles levarem quarenta, cinquenta minutos. E, quando aparecem, eles querem “botar banca”. Então hoje em

³⁰ No Rio Grande do Sul a polícia militar é oficialmente designada como Brigada Militar.

dia não dá pra contar com a Brigada, não dá pra contar... muito menos com os políticos.

O relato acima revela, também, um descaso com o jovem pobre que reside na periferia. Nesse sentido, o estudo da violência também deve considerar a análise sobre a presença do policiamento e a sua relação com a comunidade, além de considerar as diversas visões sobre um determinado assunto, analisando a violência juvenil de forma polissêmica, visto que a violência tem levado sérios riscos à juventude. Talvez a mídia, pela repetição e pela forma como divulga tais notícias, contribua para o aumento do preconceito acerca da juventude violenta.

O pequeno trecho de meu Diário de Campo demonstra, em outros aspectos, além da violência, a precariedade da proteção prestada pelo estado à sociedade:

Ao adentrar a via principal da vila, me deparo com ruas esburacadas, esgoto a céu aberto, olhares desconfiados, lixos espalhados ao longo da rua, cheiro de animais em estado de decomposição, crianças caminhando de pés descalços.³¹

As notícias policiais da imprensa e o meu pequeno relato representam a forma como conhecemos as sociedades marginais, pelo olhar de quem divulga os fatos. Nesse aspecto, a mídia tem sua contribuição, pois embora não nos diga como pensar, ela acaba - pela seleção, disposição e incidência das notícias, colocando a *violência no ar* - nos impondo o que pensar.

Num exemplo desta “violência no ar”, no início do ano de 2009, foi noticiada em um jornal de grande tiragem, destinado às classes de baixa renda da Região Metropolitana de Porto Alegre, a invasão de uma escola em Viamão. Essa foi realizada por um grupo de jovens, conhecidos popularmente por “bonde³²”.

(...) na invasão, alguns professores e alunos foram roubados e agredidos por jovens infratores; um deles portando uma espingarda calibre 12. Um dia após o crime, a polícia encontrou um suspeito (18 anos, não trabalha nem estuda e é usuário de crack). Após o incidente, a escola reabriu sob escolta da Brigada Militar (ROCHA, 2009, p. 36).

Para Jankowski (1997, p. 180-185), esses grupos podem estar reagindo, de forma organizada e coletiva, às situações de isolamento e penúria, causadas pela situação de inferioridade econômica. Talvez, em seu *modus vivendi*, esses jovens não encontraram outra

³¹ **Diário de Campo** anotação de 15 de outubro de 2008 na visita a uma escola da periferia de Viamão.

³² Bondes são espécies de gangues, grupos onde os indivíduos se unem para diminuir a responsabilidade ao cometerem delitos.

forma de inserção nessa sociedade do consumo, a não ser pelo uso da violência, fazendo florescer seus haveres financeiros, necessários à sua sobrevivência numa sociedade capitalista, como a nossa.

Quanto à criminalidade atribuída às periferias, Becker adverte que

(...) a estimativa das pessoas sobre o aumento da criminalidade em Colorado estava associada ao aumento na quantidade de notícias de crime, não a qualquer aumento na quantidade de crimes (2008, p.25).

Isto significa que a periferia pode não ser tão violenta quanto parece. Viamão, por exemplo, mesmo tendo aparecido constantemente na mídia, não é a cidade mais perigosa, nem a mais violenta do Estado. Embora seja a décima cidade com maior índice de homicídios da Região Metropolitana de Porto Alegre (54,5 homicídios para cada 100 mil habitantes), a cidade não figura entre as trezentas mais violentas do país. Entre os jovens de 15 a 29 anos, algumas cidades ultrapassam o índice de 200 homicídios para cada 100 mil habitantes (WAISELFISZ, 2010, p. 48).

A tabela 11, construída a partir do levantamento documental realizado junto a SENASP, mostra os principais crimes cometidos na cidade de Viamão.

**TABELA 11 – PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS POLICIAIS
VIAMÃO 2004 E 2005 - SENASP**

OCORRÊNCIA – TIPO DE CRIME	OCORRÊNCIAS	
	Nº	%
Furto	4018	35,0
Lesão corporal	2443	21,2
Roubo	2141	18,6
Violência contra patrimônio	2141	18,6
Trânsito	290	2,5
Envolvendo drogas	221	1,9
Violento não letal	139	1,2
Atentado violento pudor	43	0,4
Violento letal	39	0,3
Estupro	37	0,3
TOTAL	11.512	100,0

A notícia de jornal abaixo transcrita, traz um exemplo de crimes envolvendo a propriedade, que representam 72,2% destas ocorrências.

Três homens foram presos na madrugada desta quarta-feira depois de roubarem uma camionete em Viamão, na Região Metropolitana. O trio abordou a vítima quando ela chegava em casa, por volta das 2h. O veículo era equipado com GPS. Os criminosos foram presos em flagrante quando passavam os objetos da caminhonete para um

carro.³³

Parece que é necessário distinguir os criminosos envolvidos em crimes contra a propriedade, daqueles que praticam a violência contra a pessoa. Eventualmente, os criminosos contra a propriedade, praticam crimes violentos contra pessoas, mas seu intento principal é obter o bem de forma ilícita. Cabe perguntar, portanto, porque este tipo de criminoso deseja aquele bem a ponto de arriscar-se à prática deste crime e também da violência? Parece-me ser um reflexo da frustração por não ter acesso aos bens de consumo, o que acaba por contribuir com o aumento da violência difusa³⁴, que se verifica no exercício de cada relação de poder presente nas relações sociais de produção social. Neste sentido, para Abramovay

Se não é comprovada uma causalidade unívoca, existe forte relação entre desigualdades sociais e violência. Hoje, em nossa sociedade, em especial nas metrópoles, são criadas expectativas de vida para o conjunto da população, sem base materiais para o seu atendimento, o que, no caso dos jovens, tem especial significado, por sua exposição à mídia e a apelos de consumo não respaldados pelos recursos econômicos necessários no caso de setores majoritários da população juvenil (2009, p. 181).

Penso que, os efeitos do neoliberalismo, manifestados pela comunicação, se fazem presentes na medida em que geram um estímulo consumista no jovem. Esses efeitos não permitem, ao jovem, usufruir destes bens de consumo porque o mercado de oportunidades está se fechando, o que lhes priva, mesmo que momentaneamente, o direito ao consumo, num processo semelhante ao jogo de “esconde-esconde”, uma forma de manipular a juventude, gerando mais desigualdades sociais.

Os jovens estariam partindo para baixo de sete palmos? Coimbra e Nascimento enunciaram que, em tempos neoliberais, os jovens pobres vêm sendo exterminados:

Se no capitalismo liberal os jovens pobres foram recolhidos em espaços fechados para serem disciplinados e normatizados na expectativa de que fossem transformados em cidadãos honestos, trabalhadores exemplares e bons pais de família; hoje, no neoliberalismo, não são mais necessários ao mercado, são supérfluos, suas vidas de nada valem, daí o extermínio (2005, p. 346).

A partir desta citação, também pôde ser realizada uma relação com a busca pela satisfação juvenil, referenciada no capítulo anterior (Tabela 10), pois os jovens vêm na

³³ Conforme notícia divulgada em 13/01/2010 pelo Jornal “Diário de Santa Maria” da RBS, disponível em <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,2776019,Trio-e-presos-apos-roubar-camionete-em-Viamao.html>, acesso em 08/03/2010.

³⁴ A “violência difusa: as diferentes formas de violência presentes em cada um dos conjuntos relacionais que estruturam o social” (Santos, 2004, p. 8). São, portanto, atos de excesso presentes também na escola.

família a possibilidade de estabelecerem uma base a partir da qual possam se tornar cidadãos honestos e trabalhadores. Porém, a noção de família vem sofrendo influências globais, o que a modifica e, com isso, retira a possibilidade do jovem ter uma referência concreta para seguir em busca de seus objetivos.

Para Melucci (1997), o surgimento do relógio (máquina de controle) e o aumento dos meios de comunicação propiciaram a extrapolação do tempo externo, composto pela relação com os signos cada vez mais construídos nas sociedades do consumo. Coimbra e Nascimento (2005, p. 347) coadunam-se com a ideia de Melucci, pois para elas a mídia, na atualidade, também serve como um instrumento de controle social, ela define padrões a serem seguidos como o modo de ser, viver e de existir. Para as autoras, o emprego fixo e a família organizada tornaram-se padrões de reconhecimento, aceitação, legitimação social e direito à vida (p. 345).

Je: O cara veio brigar comigo, eu dei no cara! (risos do grupo). Eu dei nele e ele foi embora. Eu saí cheio da “balaca” né, to “grandão” né. Depois, na saída, meus amigos vieram me avisar. Báh, meu! O cara tá te esperando lá fora. Ele tá com um “oitão”. Quando eu saí na rua ele puxou o “berro” pra fora. Eu pensei: ai meu Deus! Voltei correndo pra dentro do colégio. Aí a diretora me levou de carro pra casa.

Ainda nesta linha de pensamento, os estudos de Abramovay (2009, p. 182) sugerem que os jovens de periferias vêm construindo suas identidades em meio a um conflito cultural, onde, de um lado está o consumismo e de outro, a cultura da violência – que, em determinadas condições, pode *glamourizar* o crime, como visto no relato acima, pois permite experiências significativas de poder e aventura. Para a autora

em paralelo às altas taxas de desemprego, tem se observado um preocupante protagonismo juvenil no tocante aos indicadores de criminalidade e violência: os jovens são, majoritariamente, as principais vítimas e os mais comuns autores dos mais alarmantes índices de violência verificados no país, com especial ênfase às altas taxas de homicídios de jovens (2009, p. 177).

Os fatos e dados acima apresentados, sugerem que o jovem, não conseguindo atender suas necessidades de consumo, acaba desencadeando o processo da violência ou com ele se envolvendo.

A influência global, por proporcionar o contato com as demais culturas mundiais e com a tecnologia - que pode provocar uma “esquizofrenia” no *modus vivendi* do jovem - , contribui para a perda da referência temporal que, a algum tempo, se apresentava pelos ritos como o da “festa de quinze anos”, na qual a jovem era apresentada à sociedade. Hoje, a referência externa, necessária na sua formação, é carregada de signos - cada vez mais

imaginários. Isso gera um esvaziamento na capacidade de escolha, que deveria se apoiar em experiências sólidas e em tempos bem delimitados como as estações do ano, leis, exemplos familiares.

Com isso, como propõe Dayrell (2010, p. 10) “ao invés de obter autonomia e/ou liberdade essencial”, o jovem sente um grande vazio, que pode gerar frustrações, tédio e desmotivação. Sem trabalho, sem família, sem estudo, o jovem é facilmente exterminado, seja pelo mundo do crime, seja pelos próprios grupos de extermínio³⁵.

Exemplificando o extermínio, em termos nacionais, no ano de 2007, as vítimas de homicídios na faixa de 15 a 29 anos de idade representaram 54,7% do total de homicídios ocorridos no país (WASELFISZ, 2010, p. 87). Para a SENASP (2005), 41% dos presos eram jovens. Isto nos remete a uma realidade brasileira: o jovem é o maior lesado neste processo de “desenvolvimento” da violência. É lesado duplamente; ao ser usado como potencial de consumo e, ao mesmo tempo “estigmatizado” pela periculosidade que oferece à sociedade. O próprio Waiselfisz classifica o Brasil em 5º lugar (dos 79 países analisados) na vitimização juvenil³⁶. Cabe ressaltar que a família não é a única responsável pela delinquência na juventude. No grupo focal, este assunto foi debatido:

Je: Com certeza! O pai pode dar a melhor educação pros filhos. Pode botar em colégio interno, colégio particular, tudo. E no fim... por causa dum amigo... que vem e diz báh vamo... é tri bom e “pá”... e o cara vai e... no fim os pais dão uma certa confiança. Claro, o guri nunca fez nada de errado, e o guri é um guri bom... mas por causa de um amigo, ele gosta e tudo... o parceiro é amigo “a fu”. Ele foi lá, mostrou o caminho das drogas pra ele e ele foi e... chegava em casa e não mostrava nada. Só que isso daí é uma mudança sutil... chega mais quieto em casa... até que, quando os pais descobrem, é muito tarde. Daí a culpa não foi dos pais, os pais fizeram a parte deles. Mas o problema foi do adolescente, que não teve cabeça boa.

Assis (1999), em uma pesquisa promovida da Fundação Oswaldo Cruz, a qual promoveu a discussão sobre os motivos que levam o jovem a cometer infrações, entrevistou jovens infratores e seus respectivos irmãos e/ou primos, concluiu que os jovens pesquisados, mesmo tendo recebido a mesma orientação familiar, seguiram diferentes trajetórias. Para a autora, a percepção dos jovens sobre o mundo, amigos, diferenças individuais de

³⁵ Vem se tornando comum, o extermínio de moradores de rua em uma capital do Nordeste. Notícia disponível em: < http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/chega-a-32-o-numero-de-moradores-de-rua-assassinados-em-alagoas/?utm_source=direct&utm_medium=iFrame&utm_campaign=iBahia-mashup&cHash=8fa705b385c6446d91aab9cf923f9013> Acessado em: 15/11/2010

³⁶ Termo utilizado para designar a proporção de jovens que sofreram homicídio na comparação com o número de vítimas adultas.

personalidade e de princípios éticos influenciam de modo significativo as ações humanas, levando assim às diferentes decisões e escolhas.

Desta maneira, na periferia, o jovem é prejudicado, principalmente pela falta de uma referência familiar, que é a base para a construção de valores éticos, o que afeta decisivamente na percepção de mundo deste jovem. Este efeito ainda pode ampliar-se, caso seus pais não tenham sido educados adequadamente, o que é corriqueiro na periferia de Viamão, onde o número de escolas é insuficiente para o tamanho da população.

3.2 – Violência e mídia

Fen: Não foi uma briga. O guri que se transformou, começou a usar drogas. Uma vez ele passou de moto, e eu tinha parado de falar com ele. Uma vez ele tinha me dito que eu ia me arrepender de ter parado de falar com ele. E uma vez ele, na carona de uma moto, quando eu ia saindo de casa, me atirou, assim. Pegou no poste, assim, do lado. Fosse um pouquinho mais pro lado, ia pegar no meu braço. Fiquei paralisada. Acho que eu entrei... assim como se diz... síndrome do pânico. Não queria mais sair, com medo dele atirar em mim ou alguma coisa. Depois ele foi preso.

O relato acima revela a dificuldade real sobre os riscos da vida na periferia. Porém, esses riscos não são privilégios, apenas, daqueles que residem no subúrbio. Em estudo recente, o IBASE destacou a violência com um dos desafios a serem superados pela maioria das oito regiões metropolitanas pesquisadas³⁷, o que parece, sob uma primeira análise, remeter-nos a um problema nacional. Independente de a região ser central ou periférica, existem seres humanos considerados como *desviantes*.

Para Bauman (2005) a formação do conceito de desvio ocorre de forma semelhante ao conceito de periferia. Para ele, o conceito se dá a partir da exclusão realizada por pessoas que descartam os segmentos da sociedade considerados desonrados, desprezados e perigosos, como os guetos negros, nos Estados Unidos, que se transformaram num “depósito de lixo”. É justamente desse mal que o jovem vem sofrendo, pois é muito comum o jovem pobre ser vigiado quando chega a algum lugar público. É como se ele ornasse a cabeça com uma faixa com os dizeres: “sou pobre, sou perigoso”!

Como exemplo recente de mídia e violência, sofrida e praticada por jovens, acompanhou-se pela televisão o caso “Eloá”, jovem assassinada pelo namorado em seu

³⁷ Refiro-me à pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, realizada em 2005.

apartamento. Sobre o assunto, uma pesquisa foi realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, com jovens entre 15 e 19 anos, nela identificou-se que 87% das adolescentes já vivenciaram formas de violência no namoro ou no “ficar” (ARANDA, 2009, p. 1), o que nos remete a uma reflexão importante, as mulheres precisam receber um cuidado maior, pois sob o silêncio, em pleno século XXI, continuam sendo vítimas da violência masculina, o que é inadmissível quando se pretende consolidar uma sociedade mais fraterna.

Pelo seu ofício, a mídia pode divulgar inúmeras vezes, em diferentes meios, uma mesma notícia, como foi o caso da mencionada notícia. Isso amplia a percepção da sociedade sobre um determinado assunto. Relacionando a repetição de veiculação de notícias, constatar-se-á que, ao “favelado”, restará apenas ler sobre a desgraça de seus semelhantes.

O livro “Mídia e Violência” (RAMOS, 2007) apresenta relatos de jornalistas, a partir dos quais é possível corroborar a afirmação do parágrafo anterior, pois

admitem que a população dessas comunidades raramente contam com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções, etc. (RAMOS, 2007, p. 77)

Por outro lado, cabe ressaltar que, ao reconhecer tais implicações, a mídia vem se reformulando. A exemplo disso, alguns cuidados na elaboração de reportagens já foram implementadas, como é o caso da decisão de não dar destaque para os nomes de facções e para os apelidos de criminosos -.

Na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/RJ foi lançada em 2005 o primeiro volume da Revista “Periferia”, a qual destaca a importância de entender a complexidade da falsa dicotomia favela/asfalto, evidenciando-se a necessidade de uma política de reconhecimento da igualdade de acesso como direito universal, tanto do centro quanto da periferia, obviamente que respeitando as diferenças de cada região. Dessa forma, as mídias assumiriam um novo papel: entender as diversidades das favelas para, posteriormente, entender a cidade. Rocha sugere que:

Estudos e pesquisas mais rigorosas, que leiam e interpretem a cidade na sua complexidade, certamente vão descobrir uma cidade para além do cenário de violência (2010, p. 117).

Uma pesquisa com essa preocupação, certamente revelaria muitas outras histórias de superação, alegria, humildade e, principalmente, solidariedade, pois essas características estão

presentes na periferia. Infelizmente, estamos carentes de produções que valorizem o lado bom das periferias.

3.3 – Violência, trabalho e educação

Ah! Rola sempre uma pressãozinha. Ainda mais entre os 17, 18 anos. O cara tem que procurar serviço. Que nem ele falou, é o começo da responsabilidade. Aí tudo que o cara faz, tem que parar e pensar umas duas vezes antes de fazer... É o que raramente o cara faz! Sempre faz besteira.

O relato acima, nos remete para a questão do acesso dos jovens ao primeiro emprego, que por conta do neoliberalismo, acentua a competição por colocações no mercado de trabalho. Com a desestatização, milhares de novos trabalhadores são forçados a entrar para o mercado de trabalho, que atualmente vem sendo regulado pela iniciativa privada, fato contribuinte para a desestabilização das famílias, na medida em que, por questões de sobrevivência, praticamente todos os membros das famílias em idade produtiva, são lançados neste mar de (des) oportunidades.

Conforme dados do DIEESE, na Região Metropolitana de Porto Alegre, de uma forma geral,

o contingente de ocupados **aumentou** pelo sétimo ano consecutivo, chegando a 1.792 mil ocupados, em 2009, com a absorção de mais 23 mil pessoas. Não obstante, o incremento de 1,3% do nível ocupacional situou-se em um patamar bem inferior ao que vinha sendo registrado nos dois últimos anos (4,0% em 2007 e 7,0% em 2008, nessa base de comparação) (2009, p.3).

Não obstante, cabe refletir sobre a qualidade dessas novas oportunidades que foram criadas. A análise qualitativa da Tabela 12 possibilitou identificar que o incremento de vagas deu-se, principalmente nos setores ocupados pelas elites (comércio, serviços e construção civil – especialidades que exigem um grau maior de escolaridade). Aliás, em termos nacionais, diversas oportunidades com salários mais elevados vêm sendo ocupadas por estrangeiros, principalmente na área de tecnologia e de Engenharia, na qual o Brasil vem sofrendo escassez de mão de obra qualificada, já que o país, embora esteja tentando melhorar as condições de acesso e permanência, ainda não pôde solucionar a questão da educação, que teve grande destaque nas últimas campanhas presidenciais.

O desemprego dá-se, então, principalmente nas camadas mais pobres da população, indo na contramão do que a mídia oculta, ao revelar apenas médias gerais. Torna-se evidente,

ao observarmos a tabela abaixo, que houve uma redução nas oportunidades de trabalho ocupadas, historicamente, por trabalhadores pobres, como é o caso nas indústrias e serviços domésticos.

TABELA 12 – OCUPAÇÃO NA RM DE PORTO ALEGRE

Discriminação			Varição Relativa	Varição Absoluta
	2008	2009	2008/2009 (em %)	2008/2009 (sobre 1.000)
Indústria de transformação	317	299	-5,7	-18
Comércio	299	305	2	6
Serviços	948	977	3,1	29
Construção civil	94	99	5,3	5
Serviços domésticos	108	109	0,9	1

Adaptação DIEESE (2009, p. 3)

Os jovens também vêm sofrendo o impacto do desemprego, principalmente em decorrência de fatores como a *progressão da idade*, rendimento familiar, classe social, e, principalmente, *falta de escolaridade* adequada (ABRAMOVAY, 2009, p. 273).

Em relação à *progressão da idade*, os jovens revelaram que estão encontrando dificuldades nas empresas que criam regras visando à maior eficiência no aproveitamento da mão de obra, dificultando o ingresso dos jovens no mercado de trabalho. As maiores dificuldades são as seguintes: se não tiverem dezesseis anos completos, não recebem oportunidades sob a alegação de não poderem realizar horas-extras; se estão no terceiro ano (ensino médio), o acesso ao estágio é dificultado, pois só lhe restaria um ano para estagiar; aos jovens do sexo masculino, com idade inferior a dezoito, acrescenta-se a questão da liberação do Certificado Militar, pois as empresas correm o risco de perdê-lo para o governo. Em relação a essa “temporalidade”, uma jovem acrescentou a questão da experiência:

Ca: (...) se a gente não tem experiência, como é que vai conseguir trabalho? Se eles não deixam a gente trabalhar, que é pra poder ter experiência?

O problema social da juventude se agrava quando o acesso a uma educação de qualidade, capaz de prepará-lo para o ingresso no mercado de oportunidades, não ocorre de forma eficaz. Indo nesta direção, a *falta de escolaridade* também foi apontada pelos jovens de Viamão, como sendo um agravante na dificuldade de acesso ao trabalho:

Fe: Antigamente tu terminar o ensino médio era o máximo. Tu arranjava um monte de emprego. Já hoje em dia, só com faculdade.

Pa: Tá cada vez mais difícil, porque tem gente com faculdade procurando uma vaga pra limpeiro, pra gari entende? Não desmerecendo entendeu? Tem gente até com faculdade que não consegue serviço entendeu?

Fa: Fui fazer um concurso pra ensino médio e encontrei engenheiros lá, formados, fazendo a prova. Se tu não te empenhar, se tu não correr atrás, tu não vai conseguir emprego.

Para esclarecer esta problemática, uma análise do Censo Escolar 2008 – Educacenso - referente à cidade de Viamão, do INEP, órgão oficial do Ministério da Educação, indicou a matrícula de 10.715 alunos em todas as modalidades do Ensino Médio. Portanto, a matrícula do ensino médio no município atendia a 48,7% dos jovens em idade adequada para concluir a última etapa da Educação Básica, sem considerar os jovens que estavam acima da idade ideal, mas que ainda não concluíram este nível da educação.

O problema do acesso à educação fundamental também se tornou evidente ao verificarmos os dados do Censo Escolar³⁸ da cidade de Viamão: de 2006 a 2008, houve um significativo aumento no número de matriculados na pré-escola (299 e respectivamente 2.365), no ensino fundamental (6.363/41.677) e no ensino médio (463.410/9.105) e na EJA (816/1.218). Observa-se, em contrapartida, um crescimento no número de matrículas da educação profissional (121/361), o que pode ser uma tentativa do jovem, uma última alternativa de se qualificar para o mercado de trabalho.

Visando colaborar com a temática acima, em um estudo sobre o abandono à escola, após sintetizar dados da PNAD 2004 e 2006, Neri (2009, p. 40) apontou alguns fatores que os alunos evadidos alegam como o justificacão para o abandono da escola. Desses motivos, destaca-se a falta de interesse intrínseco (40,3%) e a necessidade de trabalho e a falta de dinheiro (27%). O autor ainda sugere que os jovens não estariam interessados em sua própria educação por desconhecer os seus benefícios – como o aumento da empregabilidade e da renda média (p. 30). Diferentemente disso, em Viamão, encontrei uma valorizacão da educação. Os jovens daquela periferia acreditam que o estudo propicia uma melhora social, relacionada ao aumento das oportunidades de emprego.

³⁸ Estes dados podem ser acessados em: http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Matricula/censoescolar_2008.asp?metodo=1&ano=2008&UF=RIO+GRANDE+DO+SUL&MUNICIPIO=viaMao&Submit=Consultar e http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Matricula/censoescolar_2006.asp?metodo=1&ano=2006&UF=RIO+GRANDE+DO+SUL&MUNICIPIO=viaMao&Submit=Consultar

Ev: Que nem tu pensa: vou estudar quatro anos, mas esses quatro anos vão te fazer uns quarenta, cinqüenta, vivendo com um salário bom.

Porém, além de ter o direito à segurança negado, outro direito - que deveria ser assegurado por toda vida – baseado nos dados referidos acima, também vem sendo privado, debilitando a formação social desses jovens e causando prejuízos incalculáveis à sua formação humana. Para Gorczewski

A educação, por ser um direito social, deve ser prestada pelo Estado, que possui a obrigação legal de fazê-lo. Garantir, a todos, o acesso à educação é imprescindível para a boa formação do ser humano e para que as pessoas possam exercer plenamente a sua cidadania (2008, p. 42).

Diante do exposto, Neri sugere a prescrição de políticas de “afrouxamento” do crédito educativo, liberação de bolsas de estudos e transferências de rendas condicionadas à permanência na escola, o que nos remete a um longo e difícil caminho na direção de uma educação capaz de resgatar a dignidade juvenil e assegurar o direito ao trabalho.

Esse direito é fundamental para a construção da autonomia e para a formação social dos jovens, a qual vem sendo atrapalhada pela degradação familiar. O jovem, sem o amparo e sem a referência necessária para socializar-se adequadamente, poderá ter o acesso à delinquência facilitado, principalmente se tiver más influências nas suas relações (ADORNO, BORDINI e LIMA, 1999, p.65-66).

Essa noção de facilidade aumenta, na medida em que o ECA “o protege” quando pratica a delinquência, o que pode gerar uma visão distorcida de ética na juventude. O jovem, que não recebe tratamento adequado nas instituições que deveriam recuperá-lo, cria uma falsa noção de impunidade. Já vivenciei situações em que o jovem delinquente, ao ser abordado por um policial, logo se defendeu dizendo: “não põe a mão em mim que sou menor, hein?”, o que revela o profundo conhecimento de seus direitos. Dessa forma, o ingresso no mundo da criminalidade torna-se facilitado.

Pa: É que os jovens se iludem com a tal da vida fácil. Tipo, eu vou lá e vou roubar porque o pai dele tem dinheiro. O pai dele pode comprar pra ele e eu não tenho dinheiro. Então eu vou lá e vou roubar dele porque depois o pai dele vai dar de novo pra ele. De repente ele não sabe o que é suar, trabalhar... **pra poder usar o que o outro tá usando**, então eu acho que uma coisa vai puxando a outra...

Para poder acessar os produtos da “moda” e, assim, poder fazer parte dos grupos, os jovens, sem encontrar alternativas, partem em busca de um emprego no mercado informal. Alguns optam pelo tráfico de drogas, encarando a criminalidade como um trabalho.

O jovem começa a usar drogas... vender drogas. Daí ele acha o dinheiro mais fácil e não trabalha, nem estuda!

Como é sabido, o mundo das drogas é “um caminho sem volta”, onde infelizmente, muitos jovens estão “debaixo de sete palmos”. O caminho, portanto, que desejamos aos jovens é o da sabedoria, capaz de prepará-los para decidirem por si só.

Em Viamão, por exemplo, na escola na qual esta pesquisa foi realizada, os jovens estão organizando-se para superar essas questões.

Fe: Assim, ó. A gente solta aqui às dez e meia. Tem um monte de gente que fica com medo de sair. Tem um monte de gente que já foi assaltada aqui perto. Eu mesmo passo por uma rua que é toda escura na hora de ir embora, porque eu tenho que ir embora sozinha (...) Então a gente espera formar um grupo para sair todo mundo junto.

Ao invés de integrar-se em “bondes” para assaltar, eles optam por grupos que buscam um futuro melhor, sem abdicar da escola. Foi uma estratégia paliativa, enquanto aguardam as providências a serem tomadas pelas entidades responsáveis pela segurança pública. Em relação a este fato, foi percebida certa exaltação no tom de voz, talvez demonstrando indignação com o descaso dos responsáveis:

Pa: eu acho que os políticos deveriam se colocar na nossa pele um pouco. Vamos dizer que agente é... de classe média baixa, entendeu? A gente vive numa comunidade carente. Eu acho que se eles dissessem, não, vamos lá, vamos ver qual é a necessidade da comunidade. Vamos ver o que a comunidade precisa. Mas eles não querem saber. Eles só lembram da gente quando eles querem voto.

Da: eles vivem dizendo que os jovens vão ser o futuro do Brasil, e olha os exemplos que a gente tem. Os políticos não fazem nada e querem que a gente seja o quê?

Por isso, em meio ao cenário de desenvolvimento econômico e diante de uma conjuntura do capital - tal qual estamos vivendo - é preciso verificar que iniciativas públicas estão sendo implementadas visando o desenvolvimento desta tríplice problemática presente na vida da juventude viamonense (violência, trabalho e educação) e discuti-las, o que será feito no capítulo 4.

4 - REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA A JUVENTUDE VIAMONENSE

Este capítulo pretende discutir as responsabilidades do Estado, através de suas políticas públicas e de suas contribuições à educação do jovem que vive na periferia urbana, pois todo cidadão tem o direito de se desenvolver integralmente, como lembra Gorczewski:

No título I, a Constituição estabelece como fundamentos do Estado brasileiro, dentre outros, a cidadania e a dignidade da pessoa humana, e expressa que dentre os objetivos do país está a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais, além de promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor e quaisquer outras formas de discriminação (2009, p. 201).

Por isso, seguindo as orientações de Muller & Surel (2004), foi preciso identificar e entender as relações entre os atores (estado e indivíduo), entendendo o indivíduo no contexto em que a ação se manifesta. Para esses autores, o desafio da análise das políticas públicas está em evidenciar a sua essência, ou seja, de que não se deve restringir a análise apenas à ação, mas também a não ação. É preciso reintegrar o cidadão na rede de decisão, pois uma política pública não se limita à produção de ações. Inclusive, uma política pública pode existir sem que haja alguma ação. Dessa forma, analisar política pública é analisar um quadro geral onde a ação acontece.

4.1 - O que são Políticas Públicas?

O termo “políticas públicas” tem recebido especial atenção no mundo acadêmico, principalmente em decorrência do crescimento da pesquisa social, a qual contribui para expor as demandas locais (Souza, 2003, p. 17-18), ressaltando a preocupação governamental em “paternalizar” tais demandas.

Em termos mais gerais, o Estado vem reivindicando aos poucos uma gama mais ampliada de funções sociais, o que pode contribuir para uma espécie de “lei do monopólio”,

proporcionando um aumento da capacidade do mesmo em promover a *regulação social*, demonstrando um enfraquecimento da autonomia das periferias (Muller e Surel, 2004).

Em contrapartida, Mantovanelli Junior (2006, p. 20-31), em seu estudo sobre o assunto, numa perspectiva multicêntrica, ressaltou a importância em valorizar as pluralidades dos indivíduos, como sujeitos de escolhas. Eles têm o direito de escolher quais políticas públicas são mais necessárias e, portanto, devem participar ativamente, se unindo de forma a apresentar suas demandas ao governo e este, deve calcular seus custos/benefícios antes de implementá-las. Por isso, analisar uma política pública significa analisar todo este processo; todo o contexto social e burocrático envolvido, tendo o Estado, mesmo que atuando de forma cooperativa com a sociedade, grande responsabilidade na construção da

dignidade da pessoa humana (como princípio constitucional), que deve ser entendida como primeiro princípio fundamental, põe em evidência o ser humano (...), sem o estado seria praticamente impossível ao indivíduo, de forma isolada, realizar suas necessidades existenciais básicas, razão pela qual caberia, àquele, ações positivas no sentido de propiciar, aos indivíduos, o pleno exercício e fruição da dignidade (GORCZEWSKI, 2008, p. 26-27)

Através de programas “compensatórios”, os governantes atendem a determinados interesses da sociedade, mas, muitas vezes, principalmente em épocas eleitorais, utilizam esses atos paternalistas para, também atenderem interesses pessoais.

Para Oliva e Kauchakje (2009, p. 25), políticas públicas se referem a instrumentos de ação do governo a serem desenvolvidas em programas, projetos e serviços que são do interesse da sociedade. Neste aspecto, procurando verificar quais políticas públicas o governo vem implementando, Carrano e Spósito (2003) identificaram 30 programas/projetos governamentais voltados para o atendimento de adolescentes e jovens (compreendendo a idade entre 15 e 25 anos), os quais foram analisados, chegando-se à conclusão de que inexistem canais democráticos que assegurem espaços de debates com os próprios segmentos juvenis, que são os destinatários dessas políticas.

De certa forma, as políticas públicas existentes quase sempre se manifestam de forma corretiva ou distributiva, como é o caso da lei das cotas, que visa a corrigir um problema de acesso à educação. Dos 30 programas estritamente governamentais, seis se localizavam no Ministério de Esporte e Turismo, seis no Ministério da Justiça, cinco no Ministério da Educação, três no Ministério de Previdência e Assistência Social, dois no Ministério de Trabalho e Emprego, dois no Ministério de Ciência e Tecnologia, dois no Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, um no Ministério de Desenvolvimento

Agrário, um no Ministério da Saúde, um no Gabinete do Presidente da República (Projeto Alvorada) e, por último, um de caráter interministerial especificamente voltado para a integração das ações de 11 projetos/programas focados em jovens, e o Programa Brasil em Ação localizado no Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão (SPÓSITO, CARRANO, 2003, p. 22-23).

Em Viamão, região que faz parte da pesquisa, a presença de políticas públicas pode ser facilmente identificada quando, em troca de voto, alguns candidatos entregam ranchos à população que passa fome. Inclusive no mês de Setembro de 2008, Índios Caingangues de uma vila receberam alimentos do governo, num exemplo de política pública afirmativa.

O programa Bolsa-Família³⁹ é um exemplo bem sucedido desse tipo de política pública. Em Viamão, de um total de 15.417 famílias que poderiam se beneficiar do programa, atualmente 10.291 (67%) já recebem os benefícios do programa, o que representa uma distribuição de R\$ 15.628,10 para essas famílias⁴⁰.

Parece que essas políticas *compensatórias* visam a atender ao objetivo programático de diminuir ou amenizar os efeitos da pobreza e não de erradicá-la como define o Art. 3º da Constituição Federal que inclui entre os “objetivos fundamentais da República”, o de “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (inciso III).

Martins nos remete a refletir sobre a construção da cidadania. Para ele, a cidadania deveria ter sido conquistada a partir de movimentos sociais, e não imposta por uma república – como o foi no Brasil. Ocorre, segundo o autor, que o povo brasileiro, tradicionalmente, não consegue distinguir o público do privado, fato que acarreta na aceitação do favor político (clientelismo) como algo natural porque

no Brasil a distinção entre o público e o privado nunca chegou a se constituir, na consciência popular, como distinção de direitos relativos à pessoa, ao cidadão. Ao contrário, foi distinção que permaneceu circunscrita ao patrimônio público e ao patrimônio privado. Portanto, uma distinção relativa ao direito de propriedade e não relativa aos direitos da pessoa (1994. p.20).

Até porque “os sistemas políticos têm bastante influência nas mudanças sociais”. (MELUCCI, 2001, p. 94). É como se os processos de mudança fossem reféns desses sistemas, e é esse um dos fatores importantes a se discutir, quem sabe, estimulando uma pedagogia da

³⁹ Por não fazer parte do Ministério da Educação, esta política pública não foi caracterizada como política pública educacional, para fins deste estudo.

⁴⁰ Dados coletados em consulta ao site do Ministério de Desenvolvimento Social. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/adesao/mib/matrizview.asp?IBGE=4323002>.

libertação, que poderá acontecer através de uma educação participativa e que, ao mesmo tempo, contribua para que a cidadania tenha capacidade para demandar dos governos a implantação ou implementação das políticas públicas necessárias à plena educação do povo.

No Brasil, percebe-se a existência de diversas iniciativas com o objetivo de contribuir com a educação. Por isso, é preciso verificar que iniciativas públicas estão sendo implementadas em relação ao desenvolvimento da educação, já que Muller e Surel (2004) alertam que a própria forma do estado parece ultrapassada pelas lógicas econômicas, sociais e políticas da globalização.

No entanto, coube a esta pesquisa, analisar apenas as políticas públicas relacionadas à educação existente em Viamão, principalmente aquelas que atendem ou interferem de alguma forma, nas demandas juvenis locais da vila pesquisada (Violência e Acesso ao trabalho), pois entendo que a política pública deva iniciar seu processo de criação estruturando-se a partir do local para, então, atingir uma dimensão geral.

4.2 - Os jovens têm direito à educação?

A dignidade da pessoa humana deve ser buscada. Pois a educação é

o processo fundamental para que o ser humano possa obter as condições mínimas de sobrevivência com dignidade em uma sociedade pluralista edificada em uma cultura de violência e exclusão social. O desafio da educação consiste na busca e manutenção de estratégias para uma organização social de convivência mais justa e pacífica, ora transmitindo conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana, ora conduzindo as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.
(Gorkzevski e Reis, 2008, p. 236)

Porém, Historicamente a educação vem sendo privilégio das classes dominantes. Foi somente a partir do Século XVI que a educação passou a ser popularizada, na Europa. No século XVII e XVIII (Gorkzewski, 2009, p. 211). Atualmente, a Europa já pode ser considerada um modelo referencial em educação, principalmente na Alemanha, Grã-Bretanha e França. Os Estados Unidos e a América Central iniciaram o progresso da educação há mais de 150 anos. Estes países vêm conseguindo tirar o ensino do controle eclesiástico, tornando-o cada vez mais nacional e público, como se pode perceber abaixo:

Quando em 1806, a Prússia sangrava em consequência da derrota por Napoleão, o filósofo Fichte, debaixo das sentinelas francesas na *Unter den Linden*, proferia seus discursos entusiásticos, dirigidos à nação alemã. Declarava que a única esperança de

salvação para seu povo ferido estava na adoção do sistema de educação pestalozziano. Como resultado disso, a Prússia se tornou uma nação de mestres e alunos. Dentro de três décadas as escolas prussianas se tornaram modelos para o mundo. Toda educação elementar tornou-se pública e gratuita. Desapareceu o analfabetismo (EBY, 1973, p. 462).

A necessidade de uma democracia educacional e de uma democratização da educação é emergente, para evitarmos o risco de voltarmos ao ocorrido do século XIX, quando na Inglaterra, por um determinado período, as classes superiores e de governantes estudavam nas escolas públicas e nos colégios de Oxford e Cambridge - considerados os melhores-, enquanto a massa popular era instruída para servir ao exército, à marinha e à indústria. Segundo Eby:

Para três quintos dos pobres não havia escolas de espécie alguma. A duração da escolaridade para aqueles que freqüentavam era de dois ou três anos apenas. (...) Pode-se dizer que, através do século XIX, a extensão do sufrágio da classe inferior do povo foi invariavelmente seguida da extensão da educação estatal (1973, p. 471-472).

No final do século XIX, com a expansão comercial, a educação pública já estava mais organizada. Houve um crescimento nas relações internacionais devido ao comércio, o que gerou um aumento na necessidade de educar o povo, independente de que país fosse. A imigração européia teve um importante papel na transmissão de cultura durante a formação do Rio Grande, como já foi visto.

No Brasil, a partir da década de 1950, a educação passou a ser considerada como um direito, um canal de ascensão social, um mecanismo de integração moral da sociedade, um bem de produção – na medida em que era vista como um instrumento para aumento da produtividade – e um bem de consumo para a elevação do nível de vida das pessoas (Romão, 2010, p. 25).

Desde a reformulação da LBD, em 1996, a qual previa certa “descentralização” da responsabilidade em promover a educação, o Brasil vem avançando neste campo tão importante para a formação da cidadania.

Em 1998, foi criado o FUNDEF, cujo principal objetivo foi arrecadar e redistribuir receita aos estados e municípios, levando em conta o número de alunos atendidos pelas redes de ensino. Este fundo, tendo-se demonstrado ineficiente frente às novas demandas sociais geradas a partir do grande desemprego na década de 90 e início do ano 2000, acabou no ano de 2006, conforme estava prevista.

Aprovado em 2006, em 2007 entrou em vigor o FUNDEB que, diferentemente do FUNDEF, contempla o financiamento também da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio e da Educação de Jovens e Adultos. O Fundo é constituído por recursos das esferas

municipais, estaduais e federais. Este fundo elevou a distribuição dos investimentos em educação.

A estratégia é distribuir os recursos pelo país, levando em consideração o desenvolvimento social e econômico das regiões, com complementação de verba feita pela União, nas regiões onde se fizer necessário.

A destinação dos investimentos é feita de acordo com o número de alunos da educação básica, com base em dados do censo escolar do ano anterior. O acompanhamento e o controle social sobre a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos do programa são feitos em escalas federal, estadual e municipal por conselhos criados especificamente para esse fim (CONSED - Conselho Nacional de Secretários de Educação e UNDIME - União dos Dirigentes Municipais de Educação). Segundo Romão (2010, p. 130):

As estimativas do governo federal apontavam para um montante de receitas de impostos e transferências dos Estados e Municípios de cerca de R\$ 51 bilhões e de uma parcela de complementação da União de cerca de R\$ 5 bilhões, em 2009 (...) para um universo de 48 milhões de alunos na Educação Básica.

O FUNDEB, que faz parte do sistema de financiamento da garantia do direito à educação, tem seu funcionamento de forma descentralizada, pois exige a participação dos estados e dos municípios, principalmente na elaboração de projetos que, uma vez aprovados pelos respectivos conselhos, passam a receber os benefícios do governo para a sua implementação.

A Carta Magna também, em seu artigo 211, descentraliza a responsabilidade pela educação, a qual determina aos municípios, a constituição dos sistemas municipais de educação. Caberá aos municípios primarem, *prioritariamente*, **mas não exclusivamente**, pelo Ensino Fundamental e Educação Infantil. Porém, não só municípios e estados são responsabilizados pela promoção da educação; a família também (artigo 205):

A educação, direito de todos e dever do Estado **e da família**, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com o aumento do número de trabalhadores por família, fato que se torna comum na medida em que a necessidade de consumo aumenta, muitos pais e mães cada vez trabalham mais e permanecem menos tempo com suas famílias, transferindo para a escola e para o estado, a responsabilidade pela educação.

Se por um lado, há um prolongamento do tempo em que a juventude permanece morando com seus pais, eles estão percebendo que há, por outro, um afastamento em relação à educação:

Pa: Os pais tinham que ser mais firmes. Não passar tanto a mão na cabeça dos filhos. Agora, que ta com bastante liberdade assim eles deviam conversar mais, se abrir um com outro. Mas eles deixam, vão deixando, daí é pior. Querem ter uma “penca” de filho também!

Os jovens valorizaram o diálogo com seus pais, como uma forma que precisa ser resgatada nas famílias:

Pa: Às vezes é falta de conversa. O pai tem que chegar e dizer pro filho, ó filho, não é assim, se tu fizer isso tu vai chegar lá fora no mundo e tu vai quebra a cara entendeu? Mas os pais acabam criando o filho num mundo...tudo muito fácil... que quando ele sai pro mundo, ele acaba quebrando a cara. Ele acaba querendo experimentar o que ele nunca experimentou, ou o que ele nunca ouviu falar. Porque é novo, é diferente, ele nunca ouviu falar. Então ele quer experimentar.

Além da escola e da família, a educação ainda pode desenvolver-se em outros lugares. Para Gorkzewski (2009, p. 229) ela “pode ocorrer em qualquer lugar: nas empresas, nos clubes, nas igrejas, nas associações e sindicatos, nos CTGs, nas casas de detenção, etc.”.

4.3 – Análises das Políticas Públicas Educacionais

Quando este estudo fizer referência às políticas públicas educacionais, estará se referindo às políticas públicas que envolvem a educação, mais especificamente, a educação destinada à juventude e que possuem o objetivo de reduzir a violência e/ou contribuir para o ingresso e permanência no mundo do trabalho.

A análise das políticas públicas levou em conta também, a organização do Sistema Federal de Ensino que já foi discutida anteriormente, partindo da LDB e chegando ao Plano Municipal de Educação de Viamão⁴¹, conforme orientam Lisita e Souza (2003).

No contexto do paternalismo está ocorrendo, ainda que de forma descontinuada, uma preocupação estatal, no sentido de levar a educação à juventude - referenciadas como sujeitos com condições peculiares de pessoas em desenvolvimento. Esses sujeitos formam um público que recebeu uma ênfase maior no atendimento especializado dos serviços públicos após a

⁴¹ Não foi localizado em sites de entidades governamentais, o que impossibilitou a sua análise.

ditadura militar, quando ocorreu um movimento em prol dos direitos da criança e do adolescente. Tal preocupação pode ser evidenciada numa pesquisa realizada por Oliva e Kauchakje (2009, p. 28-29) a partir da análise do Plano Plurianual, as autoras demonstraram que o município de Porto Alegre, quando se trata de ações voltadas à criança e ao adolescente, apresentou o maior número de ações (p. 14), merecendo destaque por desenvolver muitas ações municipais diversificadas em relação aos demais, demonstrando ações voltadas ao empreendedorismo e ao protagonismo juvenil.

Já em Viamão, isto pôde ser percebido ao se analisar a presença de um programa bastante difundido na região - o EJA - que é subsidiado em grande parte pelo município. Segundo Haddad (2007) o programa tem uma pequena participação do estado na sua elaboração, e é realizado, principalmente em salas de aula e em igrejas, tendo como foco principal, a alfabetização. Embora seja um programa de bastante abrangência, por trabalhar com a categoria “adulto”, foge do foco desta pesquisa.

Outro programa bastante presente em Viamão é o ProJovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens). Este programa é subsidiado totalmente pelo governo federal através de repasses de verbas ao município. O que se sabe, segundo o site do governo federal⁴², é que em 2008, cerca de 620 mil reais foram repassados ao ProJovem Viamonense, atendendo a 500 alunos. Porém, em 2009 foram ofertadas apenas 1400 vagas, o que é muito pouco para uma população com 21.986 pessoas na faixa etária de 15 a 19 anos, conforme as projeções populacionais estimadas para 2008 pela Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE, órgão da Secretaria do Planejamento e Gestão do governo do Rio Grande do Sul.

Por ser um programa destinado a jovens que não concluíram o Ensino fundamental, não pôde ser analisado com mais profundidade, já que a maioria dos jovens pesquisados - embora não tinham emprego formal que é um pré-requisito para participar deste programa - , estavam estudando no Ensino Médio.

Então quais programas atenderiam às necessidades de segurança e de trabalho desses jovens?

O programa **Escola Aberta**, que tem por objetivos, contribuir para a melhoria da qualidade da *educação*, a inclusão social e a construção de uma *cultura de paz*, por meio da

⁴² Notícia disponível em <http://www.fomezero.gov.br/noticias/fnde-libera-recursos-de-dois-programas>

ampliação da integração entre escola e comunidade; ampliação das oportunidades de acesso à formação para a cidadania e *redução de violências* na comunidade escolar⁴³, é um deles.

Este parece ser o programa que mais atende às necessidades específicas da juventude pesquisada, pois contribui para a redução da marginalidade – uma vez que os jovens, ao se envolverem nas oficinas⁴⁴, ficam longe da marginalidade - , que é uma das causas da violência. Porém na escola pesquisada, há poucas ou nenhuma atividade desportiva e educativa:

Ca: as oficinas... as oficinas que eles têm no Escola Aberta o que que é? É liberar os alunos pra ficarem jogando “snook” e Ping-Pong aqui dentro, ou então jogando bola. Que oficinas são essas? E os caras que ficam cuidando tão ganhando dinheiro pros alunos ficarem jogando... “snook”.

Eles parecem desconhecer os objetivos do programa, que é aberto à comunidade, pois

Fe: a gente chega aqui nos finais de semana, tem um monte de gente que nem é da escola jogando “Snook”.

Este fato remete à necessidade de uma maior divulgação desses programas frente aos alunos, até para que eles possam participar como oficinairos. Na escola, pelo que parece, a divulgação foi feita através de uma grande faixa, que estava disposta em frente à escola, contendo o seguinte texto: “Escola está aberta aos finais de semana”.

Pela participação dos jovens neste programa, ele parece apontar para uma boa possibilidade de contribuição para com a juventude. Ele poderia, se bem executado, tornar-se uma porta de entrada para discutir a violência e o trabalho na periferia. Oficinas de empreendedorismo juvenil e elaboração de currículos de apresentação para candidatar-se a vaga de trabalho, por exemplo, poderiam ser desenvolvidas neste programa. O jovem, tendo trabalho, diminui os riscos de se envolver com a violência.

Em relação à comunicação, poderia haver, na escola, uma grande discussão a respeito do assunto, colocando a juventude a pensar sobre os objetivos do programa, bem como sobre as formas de envolvimento deles nas atividades. É interessante perceber a ausência da mídia neste aspecto, diferentemente da veiculação diária de notícias que estimulam o consumo.

Em Porto Alegre, o programa parece estar ocorrendo de forma mais eficiente quanto aos objetivos educativos a que se propõe. Pelo menos é o que mostrou um estudo de Santos e

⁴³ De acordo com a Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, do MEC. Disponível em:< ftp://200.130.5.12/web/escola_aberta/secretarias_participantes_escola_aberta.pdf> Acessado em 15/10/2010.

⁴⁴ Na escola pesquisada, há oficinas de jogos de mesa, como a “sinuca”. Os jovens vão para a escola para se distraírem. Dessa forma, o objetivo de diminuir a vulnerabilidade social é atendido.

Hermanns (2002), intitulado “Escola Aberta”, que apresentou exemplos de atividades educativas que geraram discussões a respeito do meio-ambiente, política, violência e educação, dentre outros.

Devido a problemas de comunicação, ou talvez pela própria ausência desses programas, na periferia estudada não foi localizado qualquer menção relacionada ao “**Projeto Soldado Cidadão**” – que visa a fornecer ao jovem que serve ao exército, quando do término ou durante o serviço militar obrigatório, oportunidades de aprendizado prática de várias profissões. Na periferia, também não há nada divulgando o “**Programa Escola de Fábrica**”, que deveria ser viabilizado por instituições gestoras (ONG’S, prefeituras, escolas técnicas, etc), em parceria com empresas privadas, contando com apoio do Ministério da Educação, que repassaria uma bolsa de R\$ 150,00 por mês aos jovens. Para receber os repasses do governo federal, os municípios precisam aderir aos programas, o que parece não estar ocorrendo em Viamão. O **PROUNI** – programa do governo com a finalidade a conceder, por meio de parcerias com instituições privadas, bolsas de estudos parciais ou integrais, embora pudesse ser uma ótima alternativa para os jovens não abandonarem seus estudos após a conclusão do Ensino Médio, também muito pouco tem sido divulgado na “vila”.

Outro programa que atende às necessidades dos jovens de acesso ao trabalho, presente na periferia pesquisada, é o **Jovem Aprendiz**, embora que parcialmente, pois nem todas as famílias têm uma renda mensal per capita inferior a meio salário mínimo, um dos pré-requisitos para inscrição no programa. Este programa faz parte do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), cuja ênfase está em atender jovens de 16 a 24 anos, principalmente, se forem deficientes, mulheres, afro-descendentes, indígenas e ex-presidiários. Neste programa, as empresas qualificam os jovens e lhes oferecem emprego por um período determinado.

O problema da divulgação, com relação a este programa, não é diferente dos demais, descritos anteriormente. Porém, alguns jovens, inconformados com a sua própria condição, saem da zona de conforto e partem em busca de oportunidades, procurando ONGs, que vêm assumindo o papel que deveria ser do estado:

He: eu penso que os jovens deveriam também procurar se informar mais. Há muitas ONGs que dão, gratuitamente. Dão cursos, pra tu se profissionalizar em alguma área. Por exemplo, eu fiz um curso no projeto Pescar. Lá, quando tu conclui o curso, eles já te encaminham pra algum serviço. Eu me informei pelo jornal, fui até Porto Alegre e consegui.

Ressalta-se ainda a importância em melhorar as condições de segurança pública para as juventudes, pois os programas acima descritos precisam ocorrer num ambiente tranquilo, onde o jovem possa ir e voltar para casa com tranquilidade. Desta forma, rumaremos na direção de uma educação de qualidade, pois, independente de raça, gênero, orientação sexual, classe social ou opção política, os

(...) jovens matriculados (as) nas escolas públicas não são “municipais”, “estaduais” ou “federais”; eles (as) são cidadãos e cidadãs com direito a uma educação de qualidade (Romão, 2010, p. 112).

4.4 - A juventude tentando superar as dificuldades educacionais

Segundo a PNAD (2007), dos 50,2 milhões de jovens brasileiros, cerca de 14 milhões podem ser considerados pobres, pois vivem em famílias com renda per capita de até meio salário mínimo e cerca de 4,6 milhões estão desempregados. Isso nos remete a um grave problema social marcado, principalmente pela dificuldade que o jovem enfrenta para se desenvolver enquanto cidadão; para chegar a uma mobilidade social.

A saber, a mobilidade social, que aqui será aqui abordada dentro de uma perspectiva mais específica⁴⁵, em decorrência do processo de industrialização, não seguiu o mesmo padrão de mudança entre os pobres. Para Marió e Woolcock “a mobilidade entre gerações é maior nas regiões mais desenvolvidas do país, o que (...) agrava a falta de mobilidade entre os setores mais pobres” (2005, p. 37).

Portanto, atingir níveis mais elevados de escolaridade, significa a mobilidade social de que escrevo, a qual é possível na medida em que se reduz as desigualdades sociais, já abordadas no primeiro capítulo. Conforme Marió e Woolcock (2005), a mobilidade social está inversamente proporcional aos padrões de desigualdade. Portanto, promover a mobilidade social significa reduzir as desigualdades.

Investir em programas sociais de larga escala e na produção interna, são medidas que favorecem as economias locais e são estratégias interessantes, como aquelas que vem sendo aplicadas pela Noruega, país referência na garantia de maior equidade social. Colocar a juventude na linha de discussão de suas próprias políticas públicas evidencia o que seja um Estado democrático de direito.

⁴⁵ Quando me referir a mobilidade, estarei me referindo a qualquer mudança de posição (status) da juventude, em termos escolares.

O governo brasileiro vem caminhando nesta direção, pois após um encontro que reuniu mais de quatro mil jovens, um foco maior nas demandas juvenis foi dado. Em decorrência deste encontro, a Primeira Conferência Nacional da Juventude, o Senado Federal aprovou a PEC da juventude (Proposta de Emenda Constitucional 42/2008), a qual insere o termo juventude no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal.⁴⁶

Colocando as juventudes como atores sociais, o governo deixa de lidar de forma assistencialista e passa a se imbricar nas questões juvenis, contribuindo para a formação da cidadania e tem, na educação, sua grande mola propulsora. Porém é preciso, buscar referências eficazes para a promoção de uma educação mais democrática e dinâmica como os próprios jovens reivindicaram:

Pa: Sim, às vezes a gente vem pro colégio, no caso, que nem aqui, eu creio que a maioria trabalha o dia inteiro, entendeu. Então assim, a gente chega do serviço, correndo, cansado, entendeu, chega em casa, troca de roupa, toma café, toma banho, faz o que dá pra fazê, e aí vem pro colégio...vou lá, vou aprender. Aí chega aqui o professor tal, não veio. Ou não veio e deixou matéria. Que nem já aconteceu com a minha turma de uma professora faltar, e deixar a matéria, entendeu, mas deixar de uma matéria que ela passou, mas ela não explicou, entendeu. Então como é que a gente vai fazer um exercício que ela passou, mas simplesmente ela não explicou, entendeu, não tem como. Ou que nem ele levantou, assim né, de o professor pedir pra aluno passar no quadro, “ah! Passa no quadro pra mim, por favor, eu to com a mão doendo, o braço cansado, eu dei aula o dia inteiro.” Eu acho isso aí um absurdo. O trabalho dele é vim, passar no quadro e explicar: oh! Alguém não entendeu, oh! Vou explicar de novo. Ele não se propõe a explicar quantas vezes for necessária, entendeu. Ele explica uma vez e “ah! Tu entendeu? Que bom, não entendeu, problema teu”.

Parece que há, por parte do grupo, um *descrédito* relacionado à qualidade da educação prestada pelo Estado.

Fe: Mas eu acho que o ensino piorou, no caso eu acho que há uns três anos atrás eu aprendia bem mais do que eu tô aprendendo hoje.

A qualidade da educação, aliada à falta de segurança pode contribuir para o aumento da evasão escolar. Talvez pela falta de perspectiva ou vontade, talvez pela falta de escola⁴⁷, talvez pela falta de segurança, os jovens deixam de estudar e nunca mais retornam.

Em relação à qualidade, os jovens reconhecem que os professores, em alguns casos são verdadeiros heróis, pois trabalham em três turnos:

⁴⁶ Notícia disponível no site www.juventude.gov.br

⁴⁷ Na região da periferia em questão, atualmente existe apenas uma escola com ensino médio noturno.

Gi: Acho que é muita carga horária que eles fazem. Muita carga horária. Tem que ser um ponto X de carga horária pra cada professor. Porque eles dão aula de manhã, de tarde e de noite eles chegam aí, tem professor que eu não vou citar nome que eu estudei com ele, que dá aula aí e oh (dorme na mesa).

Em outros casos, parecem simpatizar com estilos de aula mais dinâmicos.

Da: É que é sempre a mesma coisa, o mesmo jeito de ensinar, eles não modificam nunca, né. Que motivação agente vai ter de querer aprender?

Fa: E assim oh! No turno da noite, eu observo assim pelo menos que o professor não tem muita dinâmica, ele chega, dá a matéria, explica ali o que tem que explicar e pronto, acabou. Vai lá, dá um trabalho e vale dez. Tu não vê dinâmica.

Portanto, para melhorar esta situação - da qualidade relacionada com evasão escolar - , Neri (2009) sugere a prescrição de políticas de afrouxamento do crédito educativo, liberação de bolsas de estudos e transferências de rendas condicionadas à permanência na escola. Com isso, o jovem de periferia poderia dar continuidade em seus estudos. Até porque eles valorizam os estudos; acreditam que o estudo possa contribuir para uma melhora social, relacionada ao aumento das oportunidades de emprego. Não só acreditam, como buscam, numa demonstração de protagonismo juvenil, garra e sabedoria, um lugar melhor na sociedade.

Je: enquanto a oportunidade não vem, começa a fazer um curso.

Gi: ... Eu acho que, às vezes, a gente tem que ser cara-de-pau. Porque eu não tenho curso de nada. Eu parei de estudar fazia um tempo. Fiquei quatro anos sem estudar. Eu tinha dezesseis anos e fui no Iguatemi lá. Eu cheguei nas lojas e fui falando... óh... tu tem como me conseguir uma vaga aí? No outro dia eu liguei. Aí fui lá de novo... e fui de novo... no outro dia eu fui de novo e aí ele me deu uma oportunidade. Depois disso todos os serviços sempre me chamaram em casa. Eu acho que currículo não adianta de nada. Tem que ter é vontade.

Porém, mesmo que eles tenham muita persistência, é difícil que todos tenham a mesma sorte. Por isso, é preciso reformular as políticas públicas para garantir uma educação de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, o que, pelo que parece, o governo já vem sinalizando, mesmo que de forma tímida.

As ações do Estado, aliadas ao protagonismo juvenil, que deve ser estimulado por meio de uma educação de qualidade, apontam para uma possível mobilidade social, a qual gerará jovens muito felizes; jovens que estarão vivendo a sua plenitude, fazendo festa, namorando, estudando, praticando esportes, enfim, curtindo a juventude numa boa, como verdadeiros cidadãos que são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão relevante para mim hoje é a *segurança pública* e a falta de policiamento nas ruas. Para solucionar isso deveriam ter leis severas, policiamento ostensivo, melhorar o código penal, proporcionando alternativas para pequenos delitos. Para mudar isso, devemos escolher corretamente os candidatos nas eleições, cobrá-los constantemente providências para melhorar a segurança. Com mais segurança, poderei ter mais tranquilidade, até mesmo para **trabalhar** e **estudar** e ter a tranquilidade de que irei chegar em casa com segurança todas as noites, não precisando assim, viver atrás das grades como vivemos hoje.

O relato acima, retirado do depoimento de uma jovem que nasceu e se desenvolveu na periferia de Viamão durante a etapa inicial desta pesquisa, demonstra uma utopia vivida pelos jovens brasileiros, revelando as três facetas de uma problemática que, na medida em que for sendo amenizada pela sociedade, poderá gerar uma perspectiva de vida mais digna para as juventudes.

Para tanto, há muito que se fazer na luta pelas juventudes. É preciso trabalhar em equipe: governos, os próprios jovens (como atores sociais), pais e a sociedade como um todo. Em equipe com objetivo focado no fornecimento de melhores condições de vida às juventudes, um grande sistema poderá se formar. É preciso parar de perder jovens para as drogas. É preciso deixar de ver as juventudes pobres como causadoras da miséria, pois pensar dessa forma demonstra o quão pequeno é esta forma de preconceito desumano. A liberdade, igualdade e fraternidade precisam, cada vez mais, pertencer e serem praticadas por todas as classes sociais neste país, e deixarem de beneficiar apenas as classes “dominantes”. Ao contrário, antes que o jovem continue sendo exterminado, é preciso aproveitar a sua energia criativa para revitalizar o mundo, pois

se o homem estiver morto, para quem vamos construir? Como construir? Pouco importa que a cidade tenha ou não desaparecido, que seja necessário pensá-la de novo, reconstruí-la sobre novos fundamentos ou ultrapassá-la. Pouco importa que o terror impere, que a bomba atômica seja ou não lançada, que o Planeta Terra exploda ou não. O que é que importa? Quem ainda pensa, quem age, quem fala e para quem? (LEFEBVRE, 2001, p. 106)

Não se pode esquecer, porém, que um jovem cidadão feliz, criativo, motivado e empreendedor se constrói com uma educação de qualidade, capaz de preparar o jovem para tomar as melhores decisões, para ser livre; e não para reproduzir “sem pensar” o que se vê e

se escuta por aí. É preciso prepará-los para o presente e para o futuro. É preciso se preocupar com as juventudes, evitando que os jovens tenham razão quando afirmam que

Fe: eles não se preocupam com os jovens e querem que a gente seja o futuro.

Da: querem que seja o futuro, não sei da onde... “tá loco”!

Esta dissertação empreendeu uma tentativa de contribuir - neste espaço onde a sociedade vem sendo regida pela desigualdade e pela competitividade - para uma existência igualitária e fraterna, desse modo procurou entender os anseios e as necessidades dos jovens de uma periferia de Viamão, respeitando as suas particularidades locais e entendendo que não se pode determinar *uma juventude*, pois cada ser humano é um universo com diferentes experiências de vida. Estes jovens formaram o objeto de estudo desta dissertação, revelando em seu “modus vivendi” – a periferia -, que eles vem sofrendo com as “invasões”/imigrações de povos “urbanizados”, tem tido mais prejuízos (a violência, por exemplo) do que ganhos (os novos recursos tecnológicos de comunicação, por exemplo),

Esta pesquisa social escutou, utilizando a técnica de grupos focais, as juventudes “vileiras” de uma região da periferia de Viamão e revelou que as principais demandas desses indivíduos, ainda em formação, são a violência e o trabalho.

Esta pesquisa tentou estabelecer algumas correlações que apontassem para a origem dessas demandas juvenis. Neste sentido apontou, de forma analógica para inter/cor/relações entre violência, trabalho e educação numa sociedade onde os jovens são assediados pelo consumo e onde a tecnologia - presente em processos de industrialização - substituiu a mão de obra por máquinas, desencadeando altos índices de desemprego. Sem trabalho, sem uma educação de qualidade e sem o apoio da família, os jovens tornam-se, talvez, os mais prejudicados pelo sistema neoliberal; em alguns casos, quando são alijados pelo mundo do crime, que lhes oferece emprego, acabam se tornando delinquentes e contribuindo para descontrolar o mundo que já os vitimara antes.

Diante desse binômio de dificuldades encontradas pela juventude estudada, verificou-se quais políticas públicas educacionais contribuem ou contribuíram para que o jovem supere suas dificuldades, nesse sentido foi destacada a ineficiência do poder público frente as questões da juventude, embora pareça haver um grande movimento em prol da juventude brasileira, tendo a participação da Secretaria Nacional da Juventude. No entanto, cabe ressaltar que uma política pública educacional para ser efetiva, precisa ser construída e controlada em conjunto com as juventudes, além de necessitar de um grande sistema de comunicação vertical e horizontal entre todas as instituições envolvidas no processo. Espera-

se que esse movimento possa se juntar aos movimentos das ONGs, ao movimento dos pais e da sociedade como um todo, “libertando” as juventudes para uma vida mais digna e igualitária.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília Pontes. **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília, DF: MEC, 2009. 329 p. (Coleção educação para todos).

AÇÃO EDUCATIVA. Alunos do ProJovem melhoram desempenho, mas programa tem alta evasão e desistência. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=1290&Itemid=2> Acessado em: 02/08/2010.

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**. São Paulo em Perspectiva. vol.13 no.4. São Paulo: Oct./Dec. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a06.pdf>> Acessado em: 25/03/2009

ANDRADE, Flávia Cristina Drumond. Mobilidade social na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Encontros Nacionais da ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais). Caxambu/MG, 1996. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1996/T96V1A21.pdf>> Acessado em: 14/03/2010.

ARANDA, Fernanda. 87% das garotas vivenciam agressão no namoro; e elas ferem tanto quanto eles **O Estado de São Paulo**, 21-09-2009. Divulgação do Instituto Humanitas IHU UNISINOS. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=25913> Acessado em: 06/10/2009. [Reportagem com base na pesquisa de Kathie Njaine da Fundação Oswaldo Cruz Fiocruz]

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

ASSIS, Simone G. **Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta**. A vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ATLAS - **Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_portoalegre/index.php> Acessado em: 18/04/2010

AVELLAR, Hélio de Alcântara. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: REPER, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A sociologia 30 anos depois**. Revista Com Ciência. Campinas, n° 80, Set/2006, Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=17&id=167>> Acessado em: 28/11/2008.

_____. **Em campo aberto**: escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pesquisa Participante**: a partilha do saber. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. **Bolsa-Família**. Estatística de Viamão. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/adesao/mib/matrizview.asp?IBGE=4323002>> Acessado em: 18/10/2009.

_____. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Juventude**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=271233> Acessado em: 17/10/2010.

_____. **Constituição Federal** (1988). Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/SF/legislacao/const/>> Acessado em: 18/10/2009.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm> Acessado em: 18/10/2009.

_____. Ministério da Educação. **Fundeb**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12407&Itemid=725> Acessado em: 08/09/2010.

____. Ministério da Educação. INEP. **Educacenso Viamonense**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/censo.asp>> Acessado em: 24/09/2010.

____. Ministério da Educação. INEP. **IDEB Viamonense**. Disponível em: <<http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>> Acessado em: 28/09/2010.

____. Ministério da Educação. FNDE. **ProJovem Viamonense**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/noticias-2010/1927-projovem-recebe-r-49-milhoes>> Acessado em: 26/09/2010.

____. Ministério da Justiça. **PRONASCI. Mais três municípios gaúchos aderem ao Pronasci**. Disponível em: <[____. Ministério da Justiça - **SENASP**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/senasp/data/Pages/MJCF2BAE97ITEMIDD6879A43EA3B4F1691D2CAFD1C9DDB19PTBRNN.htm>> Acessado em: 03/08/2010.](http://portal.mj.gov.br/pronasci/main.asp?ViewID={A4C659C5-8403-4BEB-B71B-92B08F8723B7}¶ms=itemID={43ADC4BC-ABBD-4FFB-A8B7-DFD98E44729B};&UIPartUID={2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE}> Acessado em: 18/11/2010.</p></div><div data-bbox=)

____. **Política Nacional de Juventude**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm> Acessado em: 05/06/2010.

____. **Pro-Jovem**. Repasse de verbas. Disponível em: <<http://www.fomezero.gov.br/noticias/fnde-libera-recursos-de-dois-programas>> Acessado em: 18/10/2009

____. Secretaria-Geral da Presidência da República. **Guia de Políticas Públicas de Juventude**. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/.arquivos/guiajuventude.pdf> Acessado em: 01/09/2010.

CARIA, Telmo H. CARIA, Telmo H. Itinerário de aprendizagens sobre a construção teórica do objecto saber. **Etnográfica**. Portugal, v. 11, n. 1, p. 215-250, maio 2007. Disponível em: <<http://home.utad.pt/~tcaria/etnografias/recensao.pdf>> Acessado em: 18/10/2009.

CARVALHO, Giane Carmem Alves de. **A corda bamba: violência juvenil e políticas públicas**. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1310/1/tese.pdf>> Acessado em: 07/09/2010. [Dissertação de mestrado, UFSC, 2004].

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

___ **Fim de Milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A era da informação: economia, sociedade e cultura)

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/Livro_JuventudePolíticas.pdf> Acessado em 03/08/2010.

COIMBRA, Cecília M. B.; Nascimento, Maria Lívia. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** Imagens sobre a juventude. Disponível em: <http://ver2.imjuventud.gob.mx/pdf/rev_joven_es/22/Cecilia%20Coimbra%20y%20Maria%20L%20C%20ADvia,%20Ser%20jovem,%20ser%20pobre%20C%20A9%20ser%20perigoso.pdf> Acessado em: 28/09/2010.

COSTA, Maria Fraga Dornelles de. **Viamão**, berço da colonização gaúcha. Porto Alegre: Alcance, 1991.

COSTA, Márcia Rosa da. **Eu também quero falar**: um estudo sobre a infância, violência e educação. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17163>> Acessado em: 26/06/2009. [Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2000]

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 24, p. 40-52, Dez 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>> Acessado em: 28/10/2008.

DIEESE - **Desempenho do Mercado de Trabalho da RMPA em 2009**. Pesquisa Mensal de Emprego. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/ped/poa/pedpoaAnual2009.pdf>> Acessado em: 15/10/2010.

DIDONET, Vital. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

ESPÍNDOLA, Maria Elisabete. **Cruz e Sousa**: Modernidade e mobilidade social nas últimas décadas do século XIX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3671> Acessado em 03/08/2010.

FALABELLA, Gonzalo. **Juventude temporera**. Relações sociais no campo chileno depois do dilúvio. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_12_GONZALO_FALABELLA.pdf> Acessado em: 12/07/2010.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIN, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>> Acessado em: 03/08/2010.

GORCZEWSKI, Clóvis; REIS, Jorge Renato. **Direitos fundamentais sociais como paradigmas de uma sociedade fraterna**: constitucionalismo contemporâneo. Santa Cruz do Sul: IPR, 2008.

_____. **Direitos humanos, educação e cidadania**: conhecer, educar, praticar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

_____. **Direitos Humanos, Educação e sociedade**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**: uma contribuição ao estudo da política internacional. Porto Alegre: Contraponto, 2007.

IBGE – **POPULAÇÃO JOVEM** – DEMOGRAFIA. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario_1.pdf> Acessado em: 14/04/2010.

IPEA. **PNAD 2007**. Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/08_10_07_Pnad_Primeiras_Analises_N11demografia.pdf> Acessado em: 17/10/2009.

JANKOWSKI, Martín Sánchez. As gangues e a imprensa - a produção de um mito nacional. **Revista Brasileira de Educação**. nº. 5 e 6, p. 180-198, mai-dez, 1997. Disponível em: <> Acessado em: 19/05/2010.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Mobilidade social no Brasil no Contexto da Reestruturação Produtiva.** Disponível em: <http://www.alapop.org/2009/images/PDF/ALAP2004_347.PDF> Acessado em: 23/06/2010.

____. **Migração e Mobilidade Social no Brasil: Padrões Históricos, Tendências Recentes.** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Migr_Januzzi_Text.pdf> Acessado em: 08/07/2010.

JORGE, Wanda. Periferia e favelização avançam nas grandes cidades da América Latina. **Notícias do Brasil.** Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a05v57n2.pdf>> Acessado em: 30/11/2008

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LUZ, Márcia Ferreira. **Um Milhão de Brasileiros Trabalham nos EUA.** Disponível em: <<http://www.brazil-brasil.com/content/view/371/78/>> Acessado em: 06/11/2010.

MANTOVANELI JUNIOR, Oklinger. **Políticas Públicas no Século XXI: a perspectiva da gestão multicêntrica (à luz da experiência de Porto Alegre).** Blumenau: Edifurb, 2006

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

____. **O Poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta.** São Paulo: HUCITEC, 1994.

____. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: Contexto, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente.** São Paulo: Editora Vozes, 2001.

____. **O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global.** São Leopoldo/RS: Ed. da UNISINOS, 2004.

MOURA, Rosa. **O que é periferia urbana.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

MUXEL, Anne. **Jovens dos anos noventa. À procura de uma política sem “rótulos”.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_14_ANNE_MUXEL.pdf> Acessado em: 28/06/2010

MÜLLER, Pierre; SUREL, Yves. **A análise das políticas públicas**. 2. ed. Pelotas, RS: EDUCAT, 2004.

NEIS, Ruben. **Guarda Velha de Viamão**; No Rio Grande miscigenado surge Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Sulina, 1975.

NERI, M. C., (Coord). **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>> Acessado em: 19/10/2009.

OLIVA, Jimena Cristina Gomes Aranda e KAUCHAKJE, Samira. As políticas sociais públicas e os novos sujeitos de direitos: crianças e adolescentes. **Katálysis**. Florianópolis. v. 12, n. 1, p. 22-31, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/10701/10205>> Acessado em: 18/10/2009.

PAIS, José Machado. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. **Análise Social**, Lisboa, vol. 26, n. 114, p. 945-987, 1991. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223043163X1eWL0ea3Jm37GX9.pdf>> Acessado em: 03/08/2010.

PEIRANO, Mariza G.S. **A FAVOR DA ETNOGRAFIA**. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>> Acessado em: 08/11/2010.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe. A criança e o adolescente, representações sociais e processo constituinte. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 9, n.3, p. 343-355, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S1413-73722004000300003> Acessado em: 22/10/2009.

PNUD – **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento** - 2006. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=2390&lay=pde> Acessado em: 24/07/2010.

RAMOS, Sílvia. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RATTO, Cleber Gibbon. **Educação, comunicação e novas tecnologias**. Políticas de controle social no Brasil. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Estudios Comparados em Educacion. Disponível em: <<http://www.saece.org.ar/docs/congreso1/Gibbon.doc>> Acessado em 03/08/2010.

RIBEIRO, Paula Simon. **Viamão: tradição e identidade** (história e folclore). Porto Alegre: Nova Dimensão, 1988.

RIO GRANDE DO SUL. **Censo 2006**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_2006.pdf> Acessado em: 15/07/2009.

_____. **Censo 2008**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_2006.pdf> Acessado em: 15/07/2009.

ROCHA, Adair. Observações Periféricas. **Revista Periferia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 112-121, s.d. Disponível em: <http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/adair_rocha.pdf> Acessado em: 08/03/2010

ROCHA, Carolina. Bondes Invadem Escola. **Jornal Diário Gaúcho**. 20/03/2009. p. 36.

ROCHA, Maria Cristina. Juventude: apostando no presente. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, no.12, p. 205-223, jun. 2006. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em: 20/06/2010

ROMÃO, José Eustáquio. **Sistemas Municipais de Educação: a Lei de Diretrizes e Bases e a educação no município**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

ROSA, Thaís Troncon. Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias. Trabalho apresentado ao GT 01: A cidade nas ciências sociais: teoria, pesquisa e contexto. **33º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu/MG, setembro 2009. Disponível em: <<http://sec.adevento.com.br/anpocs/inscricao/resumos/0001/TC1123-1.pdf>> Acessado em: 03/08/2010.

SADER, Emir & GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SANTOS, Eliane Araque dos. Criança e adolescente – sujeitos de direitos. **Inclusão Social**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 130-134, out. 2006/mar. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/56/78>> Acessado em: 18/10/2009.

SANTOS, Joana Machado; Hermanns, Susete Stefani. **Escola Aberta: vida e saberes na periferia urbana**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S1517-97022001000100008> Acessado em: 08/10/2009.

____. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da "modernidade tardia". **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 18, n.1, p. 3-12, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22221.pdf>> Acessado em: 18/10/2009.

SHIROMA, Eneida Oto. **Política educacional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOARES, Cássia Baldini; REALE, Diva; BRITES, Cristina Maria. Uso de grupo focal como instrumento de avaliação de programa educacional em saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 34, n. 3, Set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342000000300014&script=sci_arttext&tlng=pt> Acessado em: 03/08/2010.

SOUZA, Celina. "Estado do Campo" da pesquisa em Políticas Públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18, n. 51. Fev. 2003. (p. 15-20). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15983.pdf>> Acessado em: 18/11/2010.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, no. 24, p. 16-39, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf>> Acessado em: 18/10/2008.

UNCTAD - **World Investment Report**. Disponível em: <<http://vi.unctad.org/digital-library/?act=browse&by=browse-by-publication-year&cl=3.14>> Acessado em 25/05/2010

UNDP. Relatório de Desenvolvimento Humano 2009. **Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humano**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf> Acessado em: 13/07/2010.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16. 1993, p. 227-234. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2006>>. Acessado em: 06/05/2010.

VIAMÃO – Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.viamao.rs.gov.br/viamao/index.php>>. Acessado em: 19/06/2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2010**. Disponível em: <<http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia/MapaViolencia2010.pdf>>. Acessado em: 02/06/2010

TIBERI, Mário. **Pobreza e Desigualdade nos anos da Globalização**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/seminariotextomariotiberi.pdf>> Acessado em: 04/04/2010. [Texto apresentado no Seminário Internacional sobre Desenvolvimento com Distribuição de Renda, realizado pelo DIEESE – em comemoração aos 50 anos do Departamento – São Paulo, 05 e 06 de Abril de 2006].